

FACULDADES EST
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

AMÓS ALVES SANTOS

ÉTICA CONTEMPORÂNEA E AS CONTRIBUIÇÕES DO CRISTIANISMO

São Leopoldo

2014

AMÓS ALVES SANTOS

ÉTICA CONTEMPORÂNEA E AS CONTRIBUIÇÕES DO CRISTIANISMO

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para a obtenção do grau de
Mestra em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação em Teologia
Linha de Pesquisa: Ética e Gestão

São Leopoldo

2014

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S237e Santos, Amós Alves

Ética contemporânea e as contribuições do cristianismo / Amós Alves Santos ; orientador Iuri Andréas Reblin. – São Leopoldo : EST/PPG, 2014.
86 p.

Dissertação (mestrado) – Escola Superior de Teologia. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2014.

1. Ética cristã. 2. Pós-modernismo. I. Reblin, Iuri Andréas. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

AMÓS ALVES SANTOS

ÉTICA CONTEMPORÂNEA E AS CONTRIBUIÇÕES DO CRISTIANISMO

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para a obtenção do grau de
Mestra em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação em Teologia
Linha de Pesquisa: Ética e Gestão

Data de Aprovação: 13/06/2014

Iuri Andréas Reblin – Doutor em Teologia – EST

Valério Guilherme Schaper – Doutor em Teologia – EST

Dedico este trabalho, primeiro, ao meu Deus, por possibilitar a realização do mesmo, e por tantas outras realizações que Ele me proporcionou.

Dedico também a minha família, familiares e amigos que sempre estiveram comigo;

aos companheiros de trabalho das duas Instituições que trabalho, a Faculdade Regional de Riachão do Jacuípe e a Faculdade de Ciência, Tecnologia e Educação, pois nelas pude crescer e compartilhar o conhecimento adquirido;

Ao meu orientador, o professor Iuri Andréas Reblin, por sua dedicação e por me orientar com sabedoria neste trabalho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os que, de alguma forma, contribuíram para meu crescimento,
a começar, a meus pais,

Deraldo Oliveira Santos e Lindalva Alves Santos,
os quais, do seu jeito simples, sempre estiveram ao meu lado,
aos meus queridos:

Elisangela Souza Santos, Ana Kelly Souza Santos,
Devison Gabriel Souza Santos, Jonas Alves Santos de Freitas,
Jesse Alves Santos, Vanderlea Moreira dos Santos,
Ricardo Batista dos Santos e Ricardo Rocha Maia,
vocês fizeram a diferença na construção e na trajetória deste trabalho.

Agradeço ao meu orientador, o professor Iuri Andréas Reblin,
pois, através de suas dicas e suas sugestões, este trabalho foi concretizado.

RESUMO

Este estudo discute a ética pós-moderna, mediante as realidades sociais contemporâneas, apresentando os princípios cristãos como proposta de prática social, capaz de corroborar com a construção de uma ética voltada para as realidades sociais da atualidade. No primeiro capítulo, procura-se definir o conceito de sociedade pós-moderna, discutindo os fundamentos básicos da sociedade tais como família, cultura, tecnologia e aspectos atuais do capitalismo moderno. No segundo capítulo, apresenta-se uma discussão em torno da esfera do cristianismo, abordando aspectos dos princípios cristãos tais como ética, valores e cultura, apresentando uma realidade social englobada pelo cristianismo como base para a reconfiguração dos aspectos sociais contemporâneos, apontando o cristianismo como um estilo de vida capaz de contribuir para os relacionamentos sociais pós-modernos, fundamentado sobre os valores e os princípios cristãos de generosidade, igualdade, cuidado e zelo para com o semelhante, possibilitando uma reconstrução da identidade cultura e social, voltada para a valorização do ser humano como princípio básico de todas as relações sociais.

Palavras-chave: Pós-modernidade. Cultura. Tecnologia. Ética. Cristianismo.

ABSTRACT

This study discusses the postmodern ethics by contemporary social realities, introducing Christian principles as a possibility of social practice, able to corroborate to the construction of an ethic focused on the current social realities. The first chapter seeks to define the concept of postmodern society, discussing the basis of society such as family, culture, technology and current aspects of modern capitalism. The second chapter presents a discussion around the sphere of Christianity, addressing aspects of Christian principles such as ethics, values and culture, presenting a social reality encompassed by Christianity as the ground for the reconfiguration of contemporary social issues, pointing Christianity as a lifestyle that can contribute to the postmodern social relationships, based on Christian values and principles of generosity, equality, care and concern for one's fellows, enabling a reconstruction of social identity and culture, focused on enhancing the human being as a basic principle of all social relations.

Keywords: Postmodernity. Culture. Technology. Ethics. Christianity.

SUMÁRIO

Introdução	16
1 Ética dos indivíduos contemporâneos	19
1.1 Modernidade <i>versus</i> Pós-modernidade.....	19
1.2 O projeto da modernidade e a ética	22
1.3 Ética, moral e autonomia de vida	28
1.4 Ética e a família na contemporaneidade	35
1.5 Enraizamento do pensamento cultural/ético/moderno	42
1.6 Ética, cultura e tecnologia	46
1.7 Ética e a cultura da competição social.....	53
2 Ética e Contribuições do cristianismo	60
2.1 Ética e Cristianismo.....	60
2.2 Generosidade cristã e ética	62
2.3 Ética, princípios e valores do cristianismo	66
2.4 Práticas cristãs na sociedade contemporânea	72
2.5 Ética e cultura cristã	76
Conclusão	80
Referências	85

INTRODUÇÃO

Mediante as realidades que cercam as demandas da sociedade no que tange ao processo de construção de uma consciência ética, voltada à tolerância para o convívio das diferenças culturais, sociais, religiosas e políticas, faz-se necessário discutir as diversas diferenças que fazem parte da nossa cultura contemporânea, incluindo uma análise sobre o contexto histórico em que estamos vivenciando. O presente trabalho busca entender a contemporaneidade social, propondo uma análise bibliográfica, que engloba a realidade da sociedade pós-moderna, suas peculiaridades, suas bases. Discute o atual formato de pensamento que atinge as pessoas do nosso contexto atual de vida, trazendo à tona alguns pontos relevantes como a influência da sociedade moderna, a autonomia de vida, a igualdade, a família contemporânea, a influência da tecnologia, os sistemas competitivos propostos pelo atual modelo de sociedade, considerando como instrumento de mediação as bases da ética e suas evoluções e distorções na sociedade.

Como contraproposta relevante para a atual sociedade, o presente trabalho apresenta o modo de vida cristão como possível sistema capaz de contribuir para a formação de uma consciência mais humana, tolerante e ética, podendo, através de suas bases iniciais, corroborar para com a construção de um sistema cultural e social voltado para o cuidado e a valorização do ser humano como o principal sujeito, merecedor de um cuidado especial, devido ao fato de o mesmo ser o ator de ações que intervêm e modificam as realidades que o cerca. Compreende-se o cristianismo como um sistema social voltado para a valorização do ser humano, priorizando o cuidado com o semelhante através de uma ética do cuidado, da partilha do serviço ao próximo com amor, tal como afirma Carlos Josaphat, “numa ética enraizada no conhecimento de Deus, vista mais como pai de bondade do que o todo poderoso, insistindo nos valores de dom de si, de serviço, de partilha dos bens e de comunhão fraterna”.¹

Podemos encontrar aqui um discurso interessante para o momento atual em que se encontram as diversas práticas culturais e sociais, que se demonstram cada vez mais desequilibradas e individualistas. As metamorfoses que afetam a família contemporânea, os jovens e a sociedade em geral precisam ser consideradas e criticadas de forma analítica, para

¹ JOSAPHAT, Carlos. *Ética mundial: esperança da humanidade globalizada*. Petrópolis: Vozes, 2010. p. 77.

poder-se proporcionar um entendimento capaz de possibilitar mudanças significativas na forma de pensar e de agir das pessoas da atualidade.

A ética produzida pela sociedade atual precisa ser entendida, pelo fato de que estamos enfrentando cada vez mais uma consciência permissiva, capaz de aceitar práticas e realidades sociais nocivas para o futuro da sociedade. Portanto, precisamos nos atentar para o comportamento social atual, com o intuito de discutir, entender e zelar pela sociedade que construímos aos poucos, todos os dias, um dia de cada vez, sendo responsáveis pelo mundo que nos cerca e no qual vivemos.

Sendo a ética um instrumento balizador para nortear a sociedade e suas práticas, precisamos entender os princípios que estão sendo utilizados para nortear as práticas da sociedade contemporânea. Numa sociedade nomeadamente pós-moderna, os princípios e os valores mudam constantemente e, por um lado, há a impressão de que as pessoas se tornam cada vez mais flexíveis e tolerantes com diversos comportamentos morais que antes não eram admitidos, visto que encontramos na mídia e em outros veículos de informação uma variedade de comportamentos, informações e percepções da realidade. Por outro lado, temos evidenciado cada vez mais violências e afrontas contra atitudes e modos de vida que, outrora, eram considerados inadequados e não aceitos, como se houvesse uma busca ou retorno a velhos paradigmas. Suspeita-se, no entanto, em geral, que nesta nova configuração social, ainda assim as pessoas encontram seu lugar em diversos setores da sociedade, ou, antes, espaços de luta.

Com o aumento da tecnologia, o uso da internet, o consumo e a reconfiguração das famílias, fica evidente a necessidade de entendermos os conceitos e os princípios que cercam o pensamento das pessoas na contemporaneidade.

Diante dessas considerações, este trabalho discorrerá através de uma discussão que analisa diversas características da atual sociedade, começando por entender sua ligação com a pós-modernidade, a ética que norteia suas práticas, a relação da cultura com a autonomia das pessoas na pós-modernidade, as mudanças no formato de família atual, as implicações da tecnologia e as reações sociais mediante uma vida considerada flexível, que se torna uma característica da pós-modernidade.

É preciso construir uma cultura e uma sociedade fundamentada sob uma ética que possibilite às pessoas uma percepção das realidades que as cercam. A compreensão de diversos sistemas como o capitalismo e o corporativismo precisam serem questionados, para poder discutir mudanças sociais; afinal, urge compreender as dinâmicas do poder econômico, de modo que este não se torne um referencial social absoluto de vida. As pessoas precisam se

religar às práticas culturais, religiosas e sociais que visem equilibrar a vida. A forma como as pessoas enxergam as realidades que as cercam irá influenciar no estilo de vida que elas irão querer para si. Dessa forma, a ética se torna primordial na vida de cada pessoa. O formato de vida proposto por aquilo que chamaremos de “sistema cristão” se mostra interessante para a construção de uma ética preocupada com o semelhante e com o princípio da igualdade.

1 ÉTICA DOS INDIVÍDUOS CONTEMPORÂNEOS

1.1 Modernidade *versus* Pós-modernidade

Ao propor uma discussão sobre ética no atual contexto social, é necessária uma análise sobre a realidade e as condições em que se encontram os princípios das práticas humanas na contemporaneidade. Alguns pensadores, como Zygmunt Bauman, caracterizam nossa contemporaneidade como um período crescente da modernidade.² Nela o ser humano ainda está desenvolvendo seu projeto de modernidade, por isso existem tantas lacunas nos modelos de vida social. Talvez, na tentativa de construir novos rumos, as atuais sociedades modernas desenvolvem diferentes sistemas políticos e culturais, desconstruindo princípios sólidos para formular novos conceitos como afirma Bauman:

Os tempos modernos encontram os sólidos pré-modernos em estado avançado de desintegração; e um dos motivos mais fortes por trás da urgência em derretê-los era o desejo de, por uma vez, descobrir ou inventar sólidos de solidez duradoura, solidez em que se pudesse confiar e que tornaria o mundo previsível e, portanto administrável.³

Para Bauman, ainda nos encontramos na construção do projeto da modernidade, pois estamos constantemente desconstruindo princípios ou conceitos sólidos na tentativa de construir outros de solidez duradoura. Desconstruir ou refazer nossas práticas sociais morais e éticas está vinculado fortemente ao ideal do iluminismo. Se realmente pensarmos somente pelo viés do pensamento de desconstrução e reconstrução social, poderemos concordar com Bauman. Porém, ao se tratar de tal tema, não podemos nos estreitar somente a esse ponto, precisamos abrir mais nosso “leque de opções” para discutirmos o assunto, pois, no caminho da construção da modernidade, existem etapas e limites. Sendo assim, a pós-modernidade seria, para Bauman, mais uma etapa da modernidade, embora um período distinto do projeto da modernidade, numa evolução da própria modernidade, porém, não mais vinculada ao que anteriormente entendíamos como período moderno, caracterizando o projeto da pós-

² BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. *Tempos líquidos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

³ BAUMAN, 2001, p. 10.

modernidade. Esse novo contexto histórico social requer uma nova forma de reconhecer tal projeto e suas peculiaridades.

Podemos analisar o período histórico em que surgiu o modernismo e suas características, impulsionado por uma nova era da economia, trazida pelo capitalismo, o que ocasionou uma série de mudanças nos contextos sociais, políticos e intelectuais da época, como nos remete Mary Esperandio:

A modernidade comporta, pois, uma série de mudanças econômicas, políticas, sociais e intelectuais, que se configuram no campo social a partir do final do século 17, início do século 18, com o advento do iluminismo (segunda metade do sec.18), a Revolução Industrial e o desenvolvimento do capitalismo (passagem para um economia fordista).⁴

Tais mudanças bruscas, trazidas pelo modernismo, foram entendidas por Karl Marx como um período de dissolução dos princípios sociais, “diluindo”⁵ parâmetros sólidos da sociedade. Para Marx,⁶ a modernidade é construída sob o discurso camuflado do progresso, mas seu principal objeto não é proporcionar novos sólidos, mais sólidos, como afirma Bauman, mas sim oprimir o outro, para adquirir capital e poder, sob uma “liberdade” de comércio inescrupulosa.

O cenário, em que se apresenta a modernidade, está totalmente distante do contexto da pós-modernidade, pois a vida pós-moderna, com afirma Harvey, “está de fato permeada pelo sentido do fugido, do efêmero, do fragmentário e do contingente, há algumas profundas consequências”.⁷ Sendo permeado pelo efêmero, o modernismo construído pelo Iluminismo teve seu lugar na história da modernidade, porém não é mais um modelo interessante para o contexto pós-moderno. Harvey nos aponta que existe uma corrente de pensamento pós-moderno que defende que, em nome da emancipação humana, se deve abandonar inteiramente o projeto do Iluminismo.⁸ Com uma nova e diferente realidade, a pós-modernidade, se encontra num estágio avançado da racionalidade e da atividade científica do ser humano, sedenta de respostas concretas, que se apropriou de uma característica dos fundamentos modernos iluministas, porém, mais aperfeiçoado, que é a capacidade de diluir e reconstruir constantemente novos parâmetros, a fim de continuar em sua trajetória e manter seu objetivo.

⁴ ESPERANDIO, Mary Rute Gomes. *Para entender pós-modernidade*. São Leopoldo. Sinodal, 2007. p. 30.

⁵ Dissolveu dignidade pessoal no valor de troca e substituiu as muitas liberdades, conquistadas e decretadas, por uma determinada liberdade, a de comércio. MARX, K. e ENGELS, F. *O manifesto Comunista: 150 anos depois*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997. p. 10.

⁶ MARX, K. e ENGELS, F. O Manifesto comunista. In: *O manifesto Comunista: 150 anos depois*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

⁷ HARVEY, David. *Condição pós-moderna*. 15. ed. São Paulo: Loyola, 2006. p. 22.

⁸ HARVEY, 2006, p. 24.

Isso se torna uma característica peculiar da pós-modernidade, flexibilidade e constante reconstrução de seus princípios e parâmetros. Isso se aplica em todos os setores da realidade humana, nas ciências, na tecnologia, na sociedade e nos formatos de pensamento ético e moral do ser humano. Não se pode mais negar que estamos vivendo numa contemporaneidade pós-moderna e que precisamos lidar com essa realidade. Como afirma Harvey, nas últimas duas décadas, “pós-modernismo” tornou-se um conceito com o qual lidar, e tal campo de opiniões e forças políticas conflitantes que já não pode ser ignorado.⁹

A reflexão e a discussão sobre o período contemporâneo e suas características se encontram cada vez mais em debates. Precisamos entender que não é uma questão de nomear ou não um determinado período de tempo e espaço na história, mas sim reconhecer as principais características que formulam tal período, como afirma Huysens:

O que aparece num nível como o último modismo, promoção publicitária e espetáculo vazio é parte de uma lenta transformação cultural emergente nas sociedades ocidentais, uma mudança da sensibilidade para a qual o termo “pós-moderno” é na verdade, ao menos por agora, totalmente adequado.¹⁰

As inúmeras mudanças e flexibilidades que se apresentam na atual realidade são abrangentes em diversos campos da sociedade. Pelo que se percebe, a busca por uma realidade mais nítida e plausível tem “forçado” as pessoas a criarem diversos discursos vazios que, muitas vezes, são, por algum momento, uma forma de legitimar suas buscas. Na pós-modernidade, não há espaço para construir um projeto fixo e duradouro, pois, o ser humano deve acompanhar as rápidas mudanças do mundo pós-moderno. Conforme Bauman, “com o mundo se movendo em alta velocidade e em constante aceleração, você não pode mais confiar na pretensa utilidade dessas estruturas de referência com base na sua suposta durabilidade”.¹¹ Com a forma acelerada que o mundo contemporâneo se modifica, podemos perceber que a rapidez de se movimentar do mundo pós-moderno, pode provocar avalanches de mudanças que, muitas vezes, como afirma Bauman, “parecem ser aleatória e fortuita”.¹² Tais mudanças afetam o ser humano e suas realidades sociais. Muitas vezes, elas o forçam a se adaptar rapidamente às novas tendências, sejam elas, sociais, religiosas, políticas, econômicas, artísticas, científicas ou tecnológicas. Isso, talvez, seja uma das características mais fortes do pós-modernismo: as mudanças e as flexibilidades constantes, como parte peculiar do formato de mundo instantâneo como afirma Bauman que, “a nova instantaneidade do tempo muda

⁹ HARVEY, 2006, p. 44.

¹⁰ HUYSENS apud HARVEY, 2006, p. 45.

¹¹ BAUMAN, 2005, p. 33.

¹² BAUMAN, 2005, p. 100.

radicalmente a modalidade do convívio humano”.¹³ O fato é que nós, seres humanos, tendemos a acompanhar a “maré” e as “ondas” de mudanças apresentadas neste mundo contemporâneo da pós-modernidade. Tudo ao nosso redor muda, pois os objetos são transitórios e descartáveis. Conforme Bauman, “o oposto dos objetos “duráveis” são os “transitórios”, destinados a serem usados – consumidos – e a desaparecer no processo de seu consumo”.¹⁴ Dessa forma, as pessoas são levadas a viver sempre numa realidade social instável, devido ao seu caráter transitório. Fica evidente que, numa época totalmente assolada por descobertas e novidades, a tendência por mudanças irrepreensíveis, o espírito inovador e peculiar no ser humano, sua ansiedade em descobrir e construir novidades e respostas concretas sobre diversos campos do conhecimento, torna o ser humano o maior agente construtor dos parâmetros pós-modernos.

1.2 O projeto da modernidade e a ética

A busca pela compreensão sobre as realidades sociais que cercam o ser humano é um desafio e um anseio que incitam a discutir as crises sociais contemporâneas e seus paradigmas, pois o ser humano produz o meio em que vive¹⁵ para manter suas necessidades básicas de sobrevivência. Esse ato de produção interfere tanto na esfera biológica da vida como na esfera social. Portanto, faz-se necessário um entendimento sobre os diversos campos que norteiam as práticas sociais, principalmente, no que diz respeito à ética, à moralidade, à fraternidade e à generosidade. Todos esses valores são indispensáveis para a construção de uma nova sociedade fundamentada nos princípios que preservam o cuidado com a vida e com o outro. Porém, para isso, precisa-se de uma análise ou discussão sobre as ações dos sujeitos sociais e até mesmo sobre a ética que os envolve na contemporaneidade.

Será necessário buscar uma definição e uma concepção de sociedade “moderna”¹⁶ ou de “pós-modernidade”, o que realmente é, de fato complexo, pois o termo “pós-moderno” agrega vários fatores que constroem sua existência. Muitos autores buscaram uma definição mais clara do termo, tentando visualizar seu conceito em diversas áreas, tais como a arte, a tecnologia, a cultura e, até mesmo, a ética e, principalmente, a ciência. Todos são fatores que

¹³ BAUMAN, 2001, p. 147.

¹⁴ BAUMAN. 2001. P. 145.

¹⁵ O homem é um ser natural, é um ser que faz parte da natureza. Ao mesmo tempo em que se constitui como ser em constante relação com a natureza, o homem é ativo e produz os meios de vida. Primeiro, o processo de trabalho/vida é tencionado para a produção das necessidades elementares, naturais, ou seja, a sobrevivência. Cf. TRISTÃO, Ellen Lucy; LUPATINI, Márcio; LARA, Ricardo. O processo de mundialização do capital e sua forma "adequada" de conhecimento. In: *Revista HISTEDBR On-line*. Campinas, n. Especial, p. 65-91, mai., 2009.

¹⁶ Compreende-se como modernidade não um período histórico, mas uma visão de mundo, um ideário relacionado ao projeto de um mundo moderno. ESPERANDIO, 2007, p. 30.

formulam a sociedade contemporânea, que vem sendo alvo de pesquisa por pensadores que se debruçam sobre o tema da modernidade e da pós-modernidade, dando ênfase, em suas análises, a aspectos diversos, pois se trata de um tema de grande abrangência.

Bauman nomeia a pós-modernidade como “modernidade líquida”, e considera o espaço e o tempo em que ela está inserida de “tempos líquidos”, nos quais se dissolve todos os princípios e os fundamentos sociais, em busca de outros mais relevantes.¹⁷ Já para Hall, estamos presenciando um período que ele denomina “modernidade tardia”.¹⁸ Por isso, para entender o que seria de fato a “modernidade”, “modernidade tardia” ou “pós-modernidade” é necessário adentrar nos sistemas sociais, culturais, econômicos, religiosos e políticos que regem os formatos dos atuais modelos de vida e de sociedade que se apresentam por todo o mundo, visualizando seus conceitos e seus formatos, o que se entende como “modernidade ou pós-modernidade”, possibilitando ao novo indivíduo uma mentalidade crítica com autonomia e capacidade de superar sua própria história, perante as novas tendências da ciência e da tecnologia.

A concepção de aldeia global, instituindo assim a globalização, talvez influenciada pela era da informação, que se desenrola pelos aparatos tecnológicos e seus sistemas, atingem e mostram as multifacetadas de variadas culturas, influenciando as tendências sociais por todo o mundo, estabelecendo uma conectividade entre diferentes povos de diferentes países, atravessando fronteiras, como afirma McGrew.¹⁹ Os pilares das novas sociedades consideradas pós-modernas estão sob uma influência de pensamentos cada vez mais flexíveis, céticos e empíricos, fazendo com que as pessoas construam uma esfera de certezas cercadas por uma gama de incertezas, depositando seu futuro cada vez mais na ciência.²⁰

Marilena Chauí aponta que “a ciência é a confiança que a cultura ocidental deposita na razão como capacidade para conhecer a realidade”,²¹ que se torna, então, característica das assim nomeadas pessoas pós-modernas. Isso nos é deixado como legado desde o século XVIII, quando o Iluminismo europeu depositou seus anseios na razão pura, tornando sua

¹⁷ BAUMAN. 2001. P. 7-22.

¹⁸ HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

¹⁹ A “globalização” se refere àqueles processos, atuante numa escala global, que atravessam fronteiras nacionais, integrando e conectando comunidades e organizações em novas combinações de espaço e tempo, tornando o mundo, em realidade e experiência, mais interconectado. (MCGREW apud HALL, 2006).

²⁰ A ciência é uma práxis humana originada do trabalho, mais precisamente é uma ação interativa que ganha a partir das posições teleológicas secundárias. A práxis social mais complexa e avançada, a ciência, está, porém, sujeita às condições objetivas e histórica do momento em que emerge. TRISTÃO, 2009, p. 269.

²¹ CHAUI, Marilena. *Convite à Filosofia*. São Paulo: Ática, 2000.

crença cética, baseando todo o formato social na racionalidade,²² formulando assim novos caminhos para o mundo moderno.

Observa-se uma capacidade de se adaptar a diversas formas de agir e pensar, tornando as pessoas mais individualistas, consumistas e capitalistas, adquirindo uma generosidade cada vez mais superficial e vazia, sem compromisso com o enraizamento social e cultural, descartando-o quando lhe for necessário para se adaptar aos moldes da nova sociedade. Isso é possível, pelo fato de todos terem acesso à informação de forma concreta e facilitada, construindo assim uma múltipla sociedade, dentro de um mesmo sistema, afetando até o governo, que deixa de ser estático para ser dinâmico, inovador e revolucionário, desconstruindo constantemente suas bases, reformulando-as melhor para acompanhar as tendências sociais “pós-modernas”.

O poder da racionalidade empírica se torna evidente nessa nova etapa da história e do tempo, considerando que a vida humana se constrói através do processo histórico/social. O pensamento racional se apresenta de forma tão forte nesta etapa da história, chamada de “pós-modernidade”, que não somos capazes de desvinculá-lo dessa fase da história social contemporânea. Fazer tal coisa seria no mínimo intrigante. Outra característica que se mostra bem marcante, no mundo “pós-moderno”, e talvez passe despercebida, é a sensibilidade emocional, que se difere de generosidade e que as pessoas aparentam ter. Apesar de sensíveis aos problemas da atualidade, as pessoas não têm conseguido se desprender dos valores materiais, em prol do bem estar coletivo, pois se mostram cada vez mais autônomas e racionais, talvez, sensíveis às questões que as rodeiam, um legado do modelo social da modernidade,²³ em que as pessoas devem ser autônomas,²⁴ individuais, buscando sua felicidade que, teoricamente, seria um direito universal do ser humano. Quando se trata de bem estar e felicidade, a busca é individual, segundo Aristóteles.

A honra, o prazer, a inteligência e todas as virtudes se querem, sim, também por si mesmas: queremos cada uma dessas coisas, mesmo que delas nada provenha;

²² O século XVIII anuncia a sociedade europeia uma visão de mundo que tem como ponto fundamental a crença no poder emancipatório da razão. Existe uma aposta incondicional na capacidade humana frente a um universo que pode ser compreendido e transformado pela mesma capacidade racional. (LIMA, João Francisco Lopes de. *A reconstrução da tarefa educativa: uma alternativa para a crise e a desesperança*. Porto Alegre: Mediação, 2003. p. 13.)

²³ A modernidade formula uma ideologia que é pontuada por Hobsbawn como uma filosofia “estreita, lucida e cortante”, rigorosamente “racionalista e secular”, suspensa sobre o mito de uma razão poderosa, capaz de promover o esclarecimento de cada indivíduo e, por extensão, de toda a humanidade. (LIMA, 2003, p. 17).

²⁴ O ideal de vida autônoma, a compreensão de um sujeito individual e de um conhecimento universal que promoveria o alcance da felicidade, da justiça e da fraternidade e, portanto, levaria o indivíduo e o resto da humanidade a uma vida melhor ainda na vida terrena, traduz um conteúdo otimista do pensamento moderno. (LIMA, 2003, p. 13).

porém, as queremos também tendo em vista a felicidade, pensando podermos ser felizes por meio delas.²⁵

Fica evidente que, em um sistema de relações sociais, em que cada indivíduo busca por sua felicidade, objeto totalmente individual, em que as ações de cada pessoa, representada por seus anseios e desejos, passa a gerar uma cadeia de eventos sociais, construindo um conceito de sociedade, na qual todos teriam o direito à felicidade sem perder sua individualidade. No entanto, essa ideologia parece construir uma esfera segura para o novo mundo, porém destituído de um senso de responsabilidade que faz as pessoas pensarem que estão desvinculados do compromisso de intervir nos problemas sociais e ambientais que os cercam. É claro que essa atitude e esse pensamento são influências do formato “pós-moderno” de se entender e de estar no mundo, atribuindo ao poder da ciência, o papel de resolução para os problemas que assolam a realidade atual, tornando o senso ético do ser humano moderno, apenas em uma característica externa, tornando os desejos e os anseios por uma sociedade melhor, apenas uma busca teórica.

A ciência e o conhecimento produzidos deveriam, em cada época histórica, ser a alavanca esclarecedora da humanidade, porém, frente aos interesses das classes dominantes, criam “saberes equivocados” acerca do funcionamento do mundo, colocando-se, não como arma de transformação, mas como um grande obstáculo para a transformação e a superação desse modo de produção.²⁶

É bem vívido no discurso dos cidadãos contemporâneos a exigência em priorizar o direito à liberdade. Ser livre parece estar no topo das prioridades na sociedade contemporânea, mas uma sociedade que atinge um formato de vida que parece mais uma prisão do que uma vida livre, baseada em medo. Lembra Bauman que “o medo agora se estabeleceu, saturando nossas rotinas cotidianas”.²⁷ Além de o mesmo não se encaixar muito bem no conceito de liberdade e igualdade, pode-se perceber que o que mais aterroriza os indivíduos no atual quadro social, instituído pela concepção de globalização, um mundo sem fronteiras, são os próprios sujeitos sociais, nada impõe mais medo ao ser humano do que o próprio ser humano e suas ações, o que se torna uma contradição no mínimo intrigante para se construir uma “sociedade aberta”,²⁸ sustentada em conceitos “modernos”.

²⁵ ARISTOTELES. *A ética: textos selecionados*. 2. ed. Bauru: Edipro, 2003. p. 35.

²⁶ TRISTÃO, 2009, p. 269.

²⁷ BAUMAN, 2007, p. 15.

²⁸ Se a ideia de “sociedade aberta” era originalmente compatível com a autodeterminação de uma sociedade livre que cultivava essa abertura, ela agora traz à mente da maioria de nós a experiência aterrorizante de uma população heterônoma, infeliz e vulnerável, confrontando e possivelmente sobrepujada por forças que não controla nem entende totalmente; uma população horrorizada por sua própria vulnerabilidade. BAUMAN, 2007, p.13.

Parece haver mais medo que esperança no formato de vida proposto pelo pensamento pós-moderno. Tudo parece estar ao contrário da visão modernista, na qual os caminhos deveriam levar a uma sociedade de indivíduos altamente evoluídos em pensamentos. Pensadores como Descartes e Kant acreditavam que, através da razão, o ser humano poderia promover diversas mudanças, transformando a consciência num fator determinante para o desenvolvimento de uma nova sociedade, mais justa e com liberdade.

Nós, humanos, somos dotados de tudo de que todos precisam para tomar o caminho certo que, uma vez escolhido, será o mesmo para todos. O sujeito de Descartes e o homem de Kant, armados da razão, não errariam em seus caminhos humanos a menos que empurrados ou atraídos para fora da reta trilha iluminada pela razão.²⁹

A proposta racionalista apresentada pela “modernidade”, entretanto, a fim de alcançar uma característica social emancipatória do sujeito, através do conhecimento e das ciências empíricas — Lima aponta que a racionalidade é um dos produtos da modernidade³⁰ que, — possibilita um conhecimento objetivo do mundo. Para Chauí, no entanto, a realidade apresentada pela ciência desenvolveu características na sociedade, tornando-a desequilibrada e artificial.

O tormento da realidade aumenta com a ciência contemporânea, uma vez que esta não se contenta em conhecer as coisas e os seres humanos, mas os constrói artificialmente e aplica os resultados dessa construção ao mundo físico, biológico e humano (psíquico, social, político, histórico).³¹

Numa sociedade artificial e insegura, na qual as realidades vêm à tona, as pessoas, para se sentirem seguras e livres, se aprisionam em suas casas cercadas de muros, grades, câmeras e seguranças, tornando seus lares uma prisão obrigatória, para se ter uma espécie de “vida segura”, devido ao medo que as atormenta. Elas contam com as ações dos poderes executivo, legislativo e judiciário que se enfraquecem a cada dia, e no qual a “barganha” é utilizada como instrumento para se fazer correções de ações ilegais e injustas praticadas por pessoas influentes. São características que os pensadores da “modernidade” já discutiam no âmbito da ética e da moral, que se agrava com a “pós-modernidade”. Fica evidente que vivemos em um período histórico pós-industrial, pós-tecnológico, pós-cultural europeu, ganhando características inovadoras, que o mundo todo acompanha as tendências. Isso afeta a formulação da sociedade e seus costumes culturais, religiosos, econômicos e sociais.

²⁹ BAUMAN, 2001, p. 193.

³⁰ A modernidade, como formulação de um projeto de racionalidade e objetivação do mundo, produziu uma compreensão particular acerca da razão e do papel do sujeito no processo de conhecimento e da apropriação do mundo. A partir da faculdade da razão, o sujeito torna-se capaz de realizar um conhecimento objetivo do mundo, através de procedimentos das ciências empíricas-matemáticas. (LIMA, 2003, p. 17).

³¹ CHAUI, 2000, p. xx.

Entender tal período como modernidade tardia é mais uma afirmação de que vivemos na etapa do pós-modernismo, pois tardio pode ser algo que demorou, mas que veio após. Por isto podemos considerar o atual tempo como “pós-moderno”: devido às características que evoluem de forma abrangente em todo mundo, superando de forma totalmente indiferente ao “Iluminismo” e a “Modernidade”, que, conseqüentemente, foram as etapas necessárias para a construção de uma nova era no mundo. O fato é que os moldes da “modernidade” dos séculos XIII e XIV foram apenas um projeto de iniciação de um novo tempo, que viria com características revolucionárias. Isso é claro quando nomeamos tais características de “progresso”.

A construção de uma nova cultura, com base em um projeto de evolução social e científica, como propõe a pós-modernidade, se caracteriza como uma progressão no quadro histórico humano. Alguns teóricos, a exemplo de Hall, Harvey e Bauman, sugerem que o referido período de tempo e espaço se enquadram no processo histórico da humanidade, como pós-modernidade, modernidade tardia ou modernidade líquida. Tais argumentações, mesmo tendo em suas esferas particularidades questões específicas, se encontram na encruzilhada dos princípios e dos conceitos da prática humana, envolvendo os aspectos éticos e morais, sem desvinculá-los dos processos evolutivos da política capitalista que desenvolveu todos os princípios socioeconômicos, socioculturais e religiosos do referido período.³²

O fato é que os aspectos sociais, morais e éticos vivenciados num período de transição e de constante modificação das personalidades e identidades socioculturais, das comunidades e grupos espalhados por todo o mundo, tornam o atual período no que ele é: um projeto inacabado e incerto. Isso indica que há um imperativo na concepção de um novo sujeito, carregado de aspectos e características peculiares de um tempo, que provém de inquietações humanas provocadas por mudanças constantes nos valores e princípios éticos e morais do homem pós-moderno.

O homem pós-moderno adquire em seu bojo moral peculiaridades específicas de sua época, influenciado pela sua prática social, que é direcionada por seu senso ético moral, que, por sua vez, também direciona sua cultura em todos os aspectos. O problema do novo sujeito contemporâneo se encontra na instabilidade que o mesmo demonstra frente às constantes mudanças na sociedade, o que, para o sistema pós-moderno, no qual as questões devem ser flexibilizadas, para mudanças constantes e imediatas, se torna comum. Porém, essa instabilidade dificulta o processo de criação de conceitos éticos que possam se enraizar. São

³² BAUMAN, 2001; HALL, 2006; HARVEY, 2006.

constantes e incertas as novas tendências e modelos de vida, que aparecem no nosso tempo atual. Constituir um parâmetro ético moral, que possa servir de referência em todo sistema social de um determinado povo ou nação, se demonstra cada dia mais difícil.

1.3 Ética, moral e autonomia de vida

Ao tratarmos de um assunto tão importante, mas ao mesmo tempo polêmico, como a autonomia de vida do indivíduo contemporâneo, que, segundo Weber, foi construída sob a plataforma econômica do capitalismo, ao afirmar que “aquele que em sua conduta de vida não se adapta às condições do sucesso capitalista, ou afunda ou não sobe”.³³ Dessa forma, faz-se necessário uma reflexão sobre a filosofia, as práticas e as “ações”³⁴ que estamos presenciando no atual contexto social, devido os interesses econômicos serem apontados como um dos instrumentos balizadores do sistema social contemporâneo.

Nossos atos refletem na continuidade do sistema social, perpassando até mesmo o tempo, tendo em vista que os exemplos e as consequências do que fazemos é parte integrante do convívio social, sabendo que somos parte construtora de toda a realidade que nos cerca, mediante nosso conceito de moralidade e ética. Ouvimos o tempo todo que as pessoas são corruptas, que os políticos roubam, que a natureza está sendo degradada, que a violência está aumentando e que ninguém mais se importa com o outro desde que esteja bem, o que prevalece é o espírito de busca pela grandeza e pela felicidade. Assim, estamos negligenciando as coisas que consideramos comuns, mas que poderiam nos levar a realizações pessoais mais tangíveis e reais, como afirma Costa:

Enquanto almejamos “grandezas”, e as consideramos o supremo bem a ser alcançado, negligenciamos uma infinidade de opções e caminhos que poderiam nos oferecer, quem sabe, uma vida comum, com condições razoáveis de existência e muitas chances de encontrar nela realização pessoal, tranquila e a tão desejada felicidade.³⁵

Embora as pessoas busquem por uma vida feliz, “o medo é reconhecidamente o mais sinistro dos demônios que se aninham nas sociedades abertas de nossa época”.³⁶ Os princípios morais e éticos parecem não mais ser os mesmos, devido ao individualismo desfreado que dominam as práticas, que, na maioria, não são tidas como ações do interesse geral e coletivo,

³³ WEBER, Max. *A ética protestante e o “espírito” do capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 65.

³⁴ A ação humana não é apenas biologicamente determinada, mas se dá, principalmente, pela incorporação das experiências e conhecimento produzidos, elaborados e transmitidos entre gerações. TRISTÃO, 2009, p. 270.

³⁵ COSTA, Maria Vorraber. *A educação na cultura da mídia e do consumo*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009. p. 23-24.

³⁶ BAUMAN, 2007, p. 32.

e sim de cunho pessoal, construindo assim uma moral na esfera e no ambiente da particularidade, tornando a relação social e ética frágil. Como afirma Cortina, “os envolvidos levam para o diálogo seus interesses, que são os que compõem a conteúdo do moral”.³⁷ Tais interesses vão dando valor a diversas práticas, sendo que, de acordo o valor atribuído, é atrelado ao benefício que o indivíduo poderá ter ou usufruir, construindo assim a moralidade de acordo com as necessidades individuais.

Está cada dia mais complexo e difícil de entender os motivos que levam as pessoas a se comportarem de forma tão imoral, antiética e insensíveis, pois as relações sociais estão obviamente carregadas de concepções e ações totalmente individualistas. Na vida social, a conduta é confirmada pelas atitudes. Segundo Cortina, “uma ética de atitudes e de virtudes precisa se ocupar dos modos de se enfrentar a vida adequados aos princípios éticos”.³⁸ O ser humano pensa e age com os seus conceitos de verdade, com uma ética volta para si, que, muitas vezes, se tornam verdades dentro de uma visão pessoal, que formula seu conjunto de práticas, estabelecendo uma política egoísta e individualista de vida. Tal formato de pensamento determina que as ações do indivíduo contemporâneo seja impreterivelmente auto centralizada, forçando o mesmo a agir e a viver como se tivesse normas e práticas exclusivas criadas ao seu molde e formato de vida, apenas interagindo com outro na medida em que se tem uma determinada necessidade, considerando apenas sua íntima necessidade, buscando satisfazer seus desejos de experimentar constantemente mais e mais, novas tendências e novas realidades, descartando tudo que se torne obstáculo e possa impedir tais conquistas. Como afirma Costa,

Somos inapelavelmente incitados a prosseguir, permanentemente pressionados a querer mais, ser mais, experimentar mais. Tudo que obstrui ou atrapalha o funcionamento desse circuito vital deve ser removido, deixado de lado, desabilitado.³⁹

O que se percebe na contemporaneidade é a construção de uma ética e uma moral, estabelecidas sobre uma armadura de cunho pessoal no intuito de “proteger” e assegurar um lugar no mundo social, reivindicando uma autonomia que se transforma em uma busca por direitos. Segundo Cortina, tal “fundamento se desloca para o direito a defender argumentativamente os próprios interesses e convicções”.⁴⁰ Porém, isso acontece negando, de certa forma, a existência dos parâmetros que constitui a moralidade da comunidade em que

³⁷ CORTINA, 2010, p. 207.

³⁸ CORTINA, 2010, p. 212.

³⁹ COSTA, 2009, p. 36.

⁴⁰ CORTINA, 2010, p. 196.

está inserido, tendo que escolher entre a moralidade coletiva ou a própria, como argumenta Cortina, ao afirmar que, “ou o sujeito deve aceitar como critério último do moralmente correto o que uma comunidade real argumentante decida faticamente, ou ‘formação discursiva da vontade’ significa meramente utilizar o diálogo objetivando formar o próprio juízo”.⁴¹ Quando o indivíduo foca somente em si, ou seja, aciona o “botão do eu”, instituindo uma filosofia que gera uma ética e uma moralidade somente de dentro para fora, quando precisa, na verdade, considerar também o que nos atinge e que vem do externo, que são os reflexos nas nossas próprias ações em conjunto e interação com os demais envolvidos nessa teia social. Concordando com Cortina, é preciso haver uma real transformação para alcançarmos a esfera do nós, ou seja, do coletivo:

Ocorre que, para isso, é imprescindível transformar a filosofia transcendental da subjetividade em uma filosofia transcendental da intersubjetividade, em suma, transitar “do Eu para o Nós”, porque para que um sujeito se reconheça a si mesmo como pessoa, como sujeito de deveres concretos e de virtudes, faz-se necessário o reconhecimento de outros sujeitos no sei de uma comunidade.⁴²

O reconhecimento de um sujeito na comunidade na qual está inserido só acontece por meio dos demais indivíduos que estão compartilhando o mesmo sistema ético/moral daquele determinado grupo. Sendo assim, é imprescindível o atrito e o conflito de ambos os envolvidos no mesmo sistema social, que precisa ser uma relação de cumplicidade. Pensar em nossas ações, práticas, hábitos sociais e morais, como exclusividade nossa é excluir toda uma realidade social; é visualizar o mundo de forma egoísta e suficiente para não haver probabilidade de interferir no outro, isto é, criar uma ilusão e corroborar para com uma catástrofe social, considerando o grande e tangível conflito que se apresenta no atual sistema de existência e interação social. Como nos é lembrado por Vaz,⁴³ não somos uma molécula livre, vivendo num espaço vazio, regidos apenas pela lei da probabilidade do choque. Estamos constantemente nos movimentando em uma cadeia de eventos sociais, que integra o indivíduo à sua ética, através de seus atos, hábitos, costumes, conceitos e normas internas, que determinará suas práxis, política, cultural, profissional e social, o que evidentemente irá

⁴¹ CORITNA, 2010, p. 196.

⁴² CORTINA, 2010, p.155.

⁴³ Como é notório, do ponto de vista da estrutura social, o indivíduo não se apresenta como molécula livre, movendo-se desordenadamente no espaço sem direções privilegiadas e regido apenas pela lei da probabilidade do choque com outras moléculas – outros indivíduos. Uma cadeia complexa de mediações ordena os movimentos do indivíduo no todo social e, entre elas, desenrolam-se as mediações que integram o indivíduo ao ethos: os hábitos no indivíduo e na sociedade, os costumes e normas das esferas particulares nas quais se exercerá sua práxis, ou seja, trabalho, cultura, política e convivência social. (VAZ, Henrique C. de Lima. *Ética e Cultura: escritos de filosofia II*. São Paulo, Loyola, 2004.)

refletir no sistema social no qual o mesmo está inserido, atingindo todo o contexto de vivência e contato social com os outros indivíduos.

O fato é que somos seres únicos que pensamos de forma individual e única e, conforme May, “interpretamos a sociedade, a política, a religião, a ética e outras realidades da vida a partir do nosso próprio ponto de vista”.⁴⁴ Porém, precisamos aprender a cuidar e priorizar a forma de agir e pensar coletivamente, entendendo que é imprescindível nossa participação na construção do perfil que teremos em nosso meio social. A transmissão de conteúdos e conhecimento de uma geração para a outra, conforme seu comportamento,⁴⁵ dentro do seu histórico social, modifica a sociedade nos seus mais simples aspectos. A atual e, principalmente, a futura sociedade irá refletir os interesses e características que seus componentes apresentam, construindo uma cultura social de acordo com as ações dos seus membros.

Talvez, para muitos, tudo depende do ponto de vista, desde que não prejudique o outro, pode-se fazer de tudo, sendo sempre uma questão de juízo, no sentido de “o que é bom para mim pode ser mal para o outro, mas se eu não permito que o outro sofra esse mal, que para mim é bom, então eu posso ficar tranquilo, pois sou livre e posso fazer o que quiser com minha vida”, tentando assim justificar seu comportamento frente a sociedade, para Aristóteles a felicidade é acompanhada de obras e ações virtuosas:

Achar-se-á, então, no homem feliz aquilo que se procura, e ele será tal durante a vida: pois que sempre ou então com preferéncia a qualquer outra coisa, encaminhará a obra e a mente às ações virtuosas e suportará galhardamente os azares da fortuna, em tudo e por tudo como convém: daquele, precisamente, que é verdadeiramente bom, tetrágono irreprensível.⁴⁶

A busca por felicidade não pode isolar nossas ações frente ao outro e a sociedade, pois se focarmos somente no presente, buscando somente por satisfação instantânea, desconsiderando nossas ações para o futuro, deixando de lado uma forma de projetar a vida para o futuro. Dessa forma, seremos pessoas menos cautelosas em nossas ações, pois o interesse é desfrutar os prazeres e momentos em tempo real e não se programar para o futuro, nos remete a isso Esperandio, que afirma que a sociedade contemporânea “busca usufruir o presente tanto quanto possível e da melhor maneira possível, pois a projeção no futuro já não

⁴⁴ MAY, Roy. H. *Discernimento moral: uma introdução à ética cristã*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2008. p. 48.

⁴⁵ Ocorre que, numa sociedade de classes, antiética, a produção, elaboração e transmissão do conhecimento assumem características peculiares,, que podem não servir ao desenvolvimento humano, mas acabam por se resumir a uma atividade sem conteúdo, como objetivos apologéticos. TRISTÃO, 2009, p. 271.

⁴⁶ ARISTOTELES, 2003, p. 42.

faz grande sentido”.⁴⁷ Essa característica está impregnada no pensamento da sociedade considerada “pós-moderna”, que leva as pessoas para um alto nível de consumo, para uma desenfreada forma de viver, para se ter tudo em tempo real no máximo que puder, para seu próprio bem estar e satisfação, gerando uma irresponsabilidade automática com tudo ao seu redor, incluindo o ambiente e a sociedade. A conduta moral dos membros da sociedade é primordial para se estabelecer ações benéficas para a mesma. Dessa forma, concorda Cortina ao expressar seu entendimento sobre a conduta de vida cotidiana, quando nos apresenta a seguinte posição: “eu por minha vez, proporia atribuir às diversas morais a tarefa de prescrever a conduta na vida cotidiana, mediante enunciados avaliativos ou prescritivos com conteúdo, que estabeleçam o que é preciso fazer”.⁴⁸ Claro que somente a partir de uma análise interna, partindo para o externo, pode-se compreender os fatores que motivam determinadas condutas, verificando as regras morais que as induzem, para então entender os conteúdos que concentram as ações no cotidiano.

É importante lembrarmos que não é a falta de ética ou moral que está permitindo que as questões sociais, ambientais e religiosas entrem em caos, mas sim a formulação, a construção de uma ética e uma moral totalmente superficial, baseada numa falsa liberdade e direitos individuais, que julgamos ter. Esse comportamento moral é uma característica da personalidade individualista do homem contemporâneo. Segundo Cortina, tal comportamento se constitui pelo fato de o indivíduo reivindicar o direito de ser “proprietário de sua pessoa e de suas capacidades, sem dever nada por eles a sociedade”.⁴⁹ Essa concepção de relação social implica numa diminuição do outro, pois é nessa perspectiva que a percepção do outro é visualizada, somente como um possível instrumento para interesses particulares. Como afirma Cortina, “nessa perspectiva, a relação que o indivíduo pode contrair com os demais está sempre na mira de seu próprio benefício, visto que só a contrai voluntariamente se ela lhe interessa”.⁵⁰ Sendo assim, infelizmente, não nos cabe julgar se tais conceitos éticos e morais são verdadeiros ou falsos, mas se os mesmos são adequados, benéficos ou mesmo corretos. Como afirma Cortina, “O objeto da ética são as normas das quais não se pode dizer que sejam verdadeiras ou falsas, mas, mas sim se são corretas ou incorretas”.⁵¹ Assim, as normas éticas não estão carregadas de verdades ou falsidades. O mais importante é o que elas podem nos ajudar a definir para nós o que é de fato correto ou incorreto, lembrando que mesmo assim

⁴⁷ ESPERANDIO, 2007, p. 48.

⁴⁸ CORTINA, 2010, p. 43.

⁴⁹ CORTINA, 2010, p. 282.

⁵⁰ CORTINA, 2010, p. 282.

⁵¹ CORTINA, 2010, p. 45.

depende de quem, como, para que e porque tal regra é correta ou não; ou seja, o contexto é muito relevante para se ter tal definição.

A concepção de ética e responsabilidade social está cada vez mais associada à ideia de modernidade ou vida pós-moderna, pois os resultados de uma cultura pós-moderna e atual desconstrói algumas características do perfil ético dos indivíduos que estão compondo a atual realidade social. Sendo concebido o fato de que cada um tem autonomia de escolha sobre si mesmo. É percebido mediante a caótica civilização pós-moderna que as linhas de pensamento que norteiam os cidadãos estão cada vez mais implícitas nos seus atos individualistas, tornando-os cada vez mais despidos da generosidade, concretizando um estilo de vida totalmente egoísta e descompromissado, incapaz de perceber a frouxidão de seus princípios. Bauman⁵² reflete sobre o assunto quando nos afirma que nossos vínculos, além de precários, confortavelmente frouxos, não se comprometem com a solidariedade, não entendendo suas virtudes morais, por isso nossa indiferença em se compadecer com o outro e com os problemas que o cercam.

As pessoas buscam resoluções para diversos problemas sociais, através de meios, ilegais, desumanos e maléficos, como, por exemplo, o tráfico de drogas e os que afirmam ter entrado para o mundo do crime por falta de emprego, e os que dizem ter iniciado o uso de drogas por querer alguma espécie de paz e prazer. O que dizer da afirmação de um ladrão que, para justificar seu furto, diz que o fez por causa da fome? Ambos são problemas sociais da contemporaneidade, que afirmamos através de discursos vazios, que precisam de uma solução. Aqueles que se candidatam ao poder afirmam que serão os promotores de tais soluções, mas o fato é como podemos exigir algo, que deveria primeiro partir de nós, mas não praticamos? Isso pode nos tornar hipócritas, nos conduzindo a uma vida obsoleta e fantasiosa. E se tratando exclusivamente da sociedade brasileira, nos remete a uma reflexão, procurando entender, o porquê do interesse cada vez mais vívido, pelo prazer e conforto, através de medidas inseguras, como o uso de drogas⁵³ e estimulantes, que se tem aumentado absurdamente a cada dia, tornando a sociedade brasileira uma potência em consumo de drogas do tipo álcool, anfetamina e *ecstasy*, ficando evidente que a busca por satisfação sai da esfera

⁵² “os vínculos humanos são confortavelmente frouxos, mas por isso mesmo, terrivelmente precários, e é tão difícil praticar a solidariedade quanto compreender seus benefícios, e mais ainda suas virtudes morais”. (BAUMAN, 2007, p. 30).

⁵³ Segundo Relatório Mundial sobre Drogas elaborado em 2009 pela organização das Nações Unidas para Álcool e outras Drogas (UNODC), o Brasil foi o 10º colocado em número de apreensões de cocaína em 2007, considerando-se apenas as apreensões efetuadas pela polícia federal. Ainda em 2007, o Brasil teve o terceiro maior índice estimado de uso de estimulantes do tipo anfetamina no mundo, além de ter entrado na lista dos 22 países com maiores apreensão do grupo *ecstasy*. (REVISTA DO TCU. p.19, ano 44. n. 123, jan-abr/2012).

que valoriza os princípios humanos de valorização pela vida e passa por uma metamorfose constituída de indefinição, passando por experiências materialistas chegando até o uso de drogas pesadas, capaz de assassinar seu usuário e até mesmo os que estão ao seu redor. Os anseios levam muitos indivíduos contemporâneos até o uso de drogas. Porém, as pessoas vivem constantemente preocupadas e angustiadas com a aparência física, possibilitando o crescimento das doenças físicas e psicológicas, como a anorexia, provocada pela busca da aparência perfeita. O desejo de beleza perfeita, sensualidade e aparência desejada para outro, tem sido prioridade nas relações atuais, tornando as pessoas superficiais em sua interação com os outros, tais anseios e atitudes contribuem para uma mazela social, pois esse fato é uma realidade que, torna a existência social superficial, baseada na aparência e não na convivência efetivamente compartilhada.

Os sujeitos contemporâneos são assolados por anseios que envolvem suas vidas por intermédio de aspectos relacionados ao corpo e aos modos de torna-lo mais desejado, sexy, bonito, jovial, produtivo... Esses são preocupações que parecem balizar as relações dos sujeitos consigo e com os demais (em detrimento das questões de ordem mais coletiva). Com isso, os laços de união e afeto giram em torno de uma, ao menos suposta, superficialidade que invade todos os recantos de nossa existência, já que há sempre algo novo, ou outro modo de parecer ser, a ser perseguido por sujeitos individuais.⁵⁴

Fica claro que é impossível, estamos em uma comunidade ou um grupo social, sem que nossas ações atinjam, de forma indireta ou direta, tal grupo. Não existe autonomia individual desvinculada do restante, dos outros sujeitos que compõem o mesmo quadro social e cultural, de forma amena, dessa forma, não poderemos afirmar que nossas ações são capazes de permanecer, apenas numa esfera local, sem atingir lugares onde nunca fomos. Nossa autonomia como sujeitos precisa ser futurista, visando colher “frutos” que ajudamos a plantar, procurando sempre o bem estar do outro, para que possamos nos beneficiar no futuro de uma realidade social mais humana e fortalecida, também por nossas próprias ações no passado, quando buscamos cuidar do outro. Somente estabelecendo uma linha de pensamento nesse sentido, poderemos construir uma consciência que possibilite aos indivíduos entenderem que um dos maiores benefícios que podemos contribuir para com a sociedade, é um respeito mútuo pelo outro, demonstrado pelo formato de vida e de autonomia pessoal, construída através de um senso ético moral, capaz de estabelecer uma consciência que considere e respeite o passado, o presente e principalmente o futuro, que dependerá de nossas ações concepções enquanto sujeitos preocupados com todos, não somente conosco mesmo, pois

⁵⁴ COSTA, 2009, p. 38.

conforme Wilson, “verifica-se que o desenvolvimento das condições que compõe o bem comum é um compromisso de toda a sociedade”.⁵⁵

1.4 Ética e a família na contemporaneidade

A família nuclear tradicional não é mais o único formato de família. Temos presenciado cada vez mais o surgimento de diversos modelos de família, pelo qual se apresentam, por diversas categorias e formatos, que, segundo Oliveira, é fruto da busca pelo novo, em nossa sociedade contemporânea:

Podemos observar que existe uma radical mudança na composição familiar, nas relações de parentesco e na representação de tais relações na família. Tal representação tem seu fundamento direto na transformação da configuração familiar e também nas relações sociais, ocasionando impacto profundo na construção da identidade de cada componente no interior da família. Essa construção da identidade irá rebater nas relações sociais ampliadas, não somente no seio familiar. Nesse contexto encontramos a “nova família”, que se caracteriza pelas diferentes formas de organização, relação e em um cotidiano marcado pela busca do novo.⁵⁶

A concepção de família tem passado por uma turbulência no mundo contemporâneo. O conceito tradicional de instituição familiar passou por várias metamorfoses nos últimos tempos. A família é uma instituição construída sob os pilares da sociedade, sendo sua composição considerada pilar fundamental do sistema social humano, considerando sua existência como princípio básico da sociedade. “Os ‘casais semisseparados’ devem ser louvados como ‘revolucionários em matéria de relacionamento que romperam a sufocante bolha do casal’, escreveu um deles numa revista bastante respeitada e amplamente lida”.⁵⁷

A concepção atual de família se preocupa apenas com sua existência como direito assegurado por aqueles que desejam constituí-la. Nesse contexto, surgem diversos modelos de família, considerando os aspectos da diversidade, do direito e da liberdade. Até este ponto não se consegue identificar nenhuma característica que consideramos preocupante, se a ênfase estiver direcionada apenas ao modelo tradicional de família. Porém, se considerarmos os novos formatos de família, iremos perceber as discrepâncias apresentadas pelos modelos apresentados sob o alibi de que estamos num mundo moderno. Com isso, somos levados pelo

⁵⁵ ENGELMANN, Wilson. *O princípio da igualdade*. São Leopoldo: Sinodal, 2008. p. 30.

⁵⁶ OLIVEIRA, NHD. *Recomeçar: família, filhos e desafios* [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, SciELO Books . 2009. p. 236. Disponível em: http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0CCoQFjAA&url=http%3A%2F%2Flivros.universia.com.br%2F%3Fdl_name%3DLivros_Academicos%2FRecomecar.pdf&ei=h26HU465HdCgqAbygIG4CQ&usg=AFQjCNE95bridbzZldkEQoyxutx8ulA0gg&bvm=bv.67720277,d.b2k. Acesso em: 14 nov. 2012.

⁵⁷ BAUMAN, 2005, p. 73.

discurso que tenta nos convencer de que é preciso acompanhar a evolução dos tempos, e muitos simplesmente acolhem essa informação passivamente. Isso talvez aconteça pelo fato de o ser humano ter em sua estrutura social a necessidade de se relacionar, principalmente no que tange a família e os vínculos afetivos, como forma de validar sua própria natureza humana, que é inerente ao seu ser, assim os vínculos afetivos são necessários ao ser humano, para a constituição de sua identidade moral como afirma Bauman, ao tratar dos vínculos afetivos: “Mas de qualquer forma precisamos deles, precisamos muito, e não apenas pela preocupação moral com o bem-estar dos outros, mas para o nosso próprio bem, pelo benefício da coesão e da lógica de nosso próprio ser”.⁵⁸

O fato de estarmos em busca de uma confirmação no meio social através das relações afetivas e familiares e ser o envolvimento “íntimo” com outros o formato de concretizar tal realização, faz-se importante uma discussão de cunho social, que envolva todas as questões que cercam as relações na sociedade contemporânea, mesmo as mais complicadas e polêmicas, capazes de produzir conflitos, como as discussões sobre a família homoafetiva, assunto muitas vezes polêmico e agressivo, envolvendo contradições que, a princípio, parecem uma forma de preconceito para com um novo formato de vida e de família. Podemos discutir o assunto de forma indireta, mas não seria realmente honesto parar com a abordagem sobre o tema, pois a questão não envolve apenas um novo conceito de família, em uma sociedade moderna, mas sim, uma análise sobre a formulação de uma consciência ética que permite gerar uma moral tolerante e evoluída para com os novos conceitos sociais de família. Será interessante analisarmos o formato e o tipo de evolução que vem acontecendo na formulação de um novo conceito que promova a instituição da família, admitindo que só seja possível tal acontecimento, por causa do fenômeno social da desestruturação e dissolução e desintegração da família nuclear, como afirma Vega. “Por alterar também a concepção de ética no pensamento contemporâneo, muitos conceitos morais/éticos da atualidade se dão ao fato de que estamos vivendo em uma época de luta por direitos”.⁵⁹ De fato, entramos num paradigma de grande valor para o futuro da sociedade, sabendo que a família é um dos principais pilares de sustentação da sociedade e do mundo, fato construído sob possibilidades e princípios que estabelecem uma ética social, gerada de dentro para fora, enraizada no sistema familiar que a sociedade externa não pode construir, mas pode receber e sentir seus efeitos. Estes são tão fortes e verdadeiros, que não se tem argumentos para negar ou

⁵⁸ BAUMAN, 2005, p. 75.

⁵⁹ Mas, sobretudo, há a desintegração da grande família, quer dizer, desta solidariedade da família ampla e, ainda mais, há mesmo tendência à dissolução e a crise na família nuclear, a própria dissolução dos vínculos entre pai e mãe. (VEJA, Alfredo Pena. *Edgar Morin: Ética, Cultura e Educação*. São Paulo: Cortez, 2011.)

obscurecer a sustentação da formação da sociedade pela formação da família, sendo a formação da família responsável pela construção da maior parte da identidade dos indivíduos inseridos na sociedade contemporânea.

Afinal de contas, a essência da identidade – a resposta à pergunta “Quem sou eu” e, mais importante ainda, a permanente credibilidade da resposta que lhe possa ser dada, qualquer que seja – não pode ser constituída senão por referência aos vínculos que conectam o eu a outras pessoas e ao pressuposto de tais vínculos são fidedignos e gozam de estabilidade com o passar do tempo.⁶⁰

Tais vínculos, a que se refere Bauman, estão intimamente ligados à relação familiar. Ao refletir sobre o assunto, podemos interrogar se não é a formação familiar, uma instituição altamente capaz de combater, através de uma constituição mais sólida, os problemas e as mazelas impregnadas na nossa sociedade atual, como a corrupção, o individualismo, o egoísmo e a busca desfreada por aquisição material, dentre outros. Infelizmente, o que se presencia é que há uma grande ruptura e um enfraquecimento da estrutura familiar na nossa contemporaneidade. Diversos princípios e raízes são derrubados e desconstruídos por membros da sociedade e também por parte dos que administram e representam os setores do sistema social.

Na educação, encontram-se entraves legais que corroboram para se ter uma formação fragilizada e superficial do caráter das crianças contemporâneas. Encontra-se, na legislação atual, a proibição de correção através de contato físico como bater a criança, mesmo que seja com o intuito de educá-la, sendo que os pais que praticarem tal ato e forem flagrados e denunciados, poderão ser punidos, restringindo, assim, de certa forma, as condições e a autonomia dos pais na política de educar criar e corrigir seus filhos. Tal imposição também acontece em salas de aulas, onde cresce significativamente a violência contra os profissionais da educação, que são legalmente impedidos de disciplinar seus alunos, como afirma Matos:

Dessa forma observa-se que a violência contra professores e demais funcionários podem se originar a partir de elemento simples das relações no cotidiano escolar, por meio das ameaças diretas e indiretas dos alunos que não aceitam se submeter às regras da escola e a autoridade do professor. Os professores não podem sequer punir os alunos sem terem sua integridade física e moral comprometida, esses fatores

⁶⁰ BAUMAN, 2005, p. 74.

prejudicam o desenvolvimento da aula e conseqüentemente a aprendizagem dos demais alunos.⁶¹

Dessa forma, apenas a legislação não é capaz de coibir as ações abusivas praticadas por pessoas, pois as mudanças precisam ser construídas com base na reformulação do pensamento ético, moral e cultural da sociedade e não apenas por imposição de leis, pois a legislação por si só não é capaz de conhecer a essência real do fato que está além do visível. Como afirma Vieira, “O positivismo não transpõe os limites da percepção, concentrando, sobretudo sua atenção nos dados e, às vezes, nos dados da experiência, negando a possibilidade do conhecimento da essência do real”.⁶²

Outra problemática que atinge a formação da família, que, por vezes, afeta as mudanças do pensamento social, são as tendências consideradas pós-modernas, que estão cada vez mais impregnadas no pensamento dos indivíduos. Estes estão sendo influenciados por várias ramificações de ideias contemporâneas, que visam estabelecer novos conceitos de pessoa, gênero e família. Como exemplo, podemos mencionar um artigo intitulado “Menino ou menina? Meus filhos dirão”. O texto versa sobre pais que decidiram criar seus filhos sem distinção de gênero sexual, sob o seguinte conceito, “criar assim não é fazer lavagem cerebral nos filhos nem tentar eliminar os gêneros. É dar às crianças a chance de pensar sobre o que o gênero significa para elas. E apoiá-las a se tornar o que querem ser”.⁶³ O texto sugere a construção de conceitos dentro do âmbito familiar através do “direito de escolha”. O artigo relata que um casal norte-americano decidiu criar seus dois filhos sem distinção de gênero, dando-lhes diversas escolhas, relativas à roupa, ao corte de cabelo e aos hábitos sociais, ou seja, sem um referencial definido. Segundo Gekovate, “por volta dos 2 anos de idade, as crianças percebem as diferenças entre os sexos – e acredito que essa seja uma descoberta chocante e inesperada”.⁶⁴ O objetivo central desta reflexão e discussão não é a questão da opção do gênero sexual, mas sim a consistência das famílias contemporâneas, suas formas, influências, característica e conseqüências para o cotidiano social. Embora autores como Gayle Rubin, Simone de Beauvoir e Judith Butler, discutam o conceito de gênero sexual divididos em três fundamentos, a saber; sexo biológico, identidade de gênero e a orientação sexual. Assim, teoricamente, a desconstrução do conceito de gênero sexual parece ser

⁶¹ MATOS, Francisco Alex da Silva. A violência contra professores: saberes e práticas. Campina Grande. Realize Editora. 2012. p.7. Disponível em: <http://editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/766ebcd59621e305170616ba3d3dac32.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2014.

⁶² VIEIRA, Evaldo. *Os direitos e a política social*. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2009. p. 39.

⁶³ DAEMYIR, Arwin. Menino ou menina? Meus filhos dirão. *Superinteressante*, São Paulo: abril, n.308, 2012. p. xxx.

⁶⁴ GIKOVATE, Flávio. *Sexualidade sem fronteiras*. São Paulo: MG editores, 2013. p. 25.

possível, embora, em nossas raízes culturais, ainda é entendido pelas pessoas que as escolhas de se relacionar sexualmente com pessoas do sexo oposto se encontrem dentro das convenções determinantes do ser humano, atribuindo o conceito de masculino e feminino ao gênero sexual. Tal concepção norteou por séculos a relação conjugal e sexual do ser humano. Com a inserção de novos modelos de família e de opção sexual, torna-se viável a promoção de uma discussão que busque entender como está sendo construído os referenciais que as pessoas e as crianças estão obtendo para formular suas identidades na contemporaneidade, considerando as novas tendências e as novas formas de se constituir a família. “A psicologia, essa ciência que tanto impactou provocou ao longo do século XX, nos mostrou fatos muito relevantes; entre eles, cabe registrar até que ponto as vivências dos primeiros anos de vida podem ser fundamentais para o que seremos no futuro”.⁶⁵

A família é a principal instituição responsável pela educação e pela formação da personalidade e do caráter das crianças, que constroem suas identidades influenciadas pelas características de seus familiares, com que convivem e dividem diversos aspectos culturais. Nessa direção, temos presenciado uma grande ascensão ou visibilização de grupos gays e seus simpatizantes, exigindo do estado o reconhecimento de seus direitos para constituir família. O Jornal *O Correio* apresenta uma matéria informativa, divulgando a “legalização do casamento gay” no Estado da Bahia.⁶⁶ A matéria conta com depoimento da corregedora geral do Tribunal de Justiça baiano.⁶⁷ Esta afirma que, ao aprovar o provimento de lei que regulamenta o casamento de casais homossexuais e de lésbicas, o TJ-Tribunal de Justiça apenas está a afirmar o que a justiça já tinha considerado como legítimo, através de outras leis e decisões do STJ-Supremo Tribunal de Justiça. A matéria vai mais além, ao afirmar que tal acontecimento se dá ao fato de a justiça acompanhar um avanço que a demanda da própria sociedade exige. Tal evolução na justiça é fundamentada no princípio de “igualdade”, porém positivar novas regras baseadas em repetições de pressupostos sociais ou culturais não significa que as mesmas sejam exatamente justas e boas, pois muitas soluções jurídicas são de origem vaga e insuficiente, como afirma Vieira:

Porém, é inevitável reconhecer que, no campo dos direitos, o relativismo, o ceticismo, o evolucionismo, o utilitarismo, o positivismo jurídico, o positivismo

⁶⁵ GIKOVATE, 2013, p. 26.

⁶⁶ Dados da matéria, referência.

⁶⁷ “Nos baseamos em princípios de igualdade, independente de cor e sexo. O provimento é uma lei. Nenhum oficial de cartório pode recusar”. (Ivete Caldas. Corregedora geral do TJ-BA, *Correio*. p.9. ANO XXXIII – N°10952.)

analítico, o positivismo sociológico, o pragmatismo, o empirismo radical baseiam-se na reiteração cansativa, às vezes sofisticada, de pressupostos vagos e insuficientes.⁶⁸

No mínimo, é questionável, do ponto de vista da legislação Brasileira, que a afirmação de que se constroem conceitos sob uma gama de leis, as quais, por vezes, são consideradas defasadas pelo próprio sistema judiciário, traz uma inquietude para o restante das demais classes sociais. O discurso de igualdade é utilizado para legitimar novas demandas da sociedade. A igualdade não pode existir apenas como objeto de combate às discriminações e aos preconceitos, através de legislações específicas, pois as mesmas não são suficientes para dominar as complicações reais da vida. Segundo Schulz, “os conceitos e as regras gerais no campo do direito correm sempre o risco de produzir danos, porque ao estabelecer as regras de Direito não se consegue dominar plenamente as possíveis complicações da vida”.⁶⁹ Claro que é necessário a existência de tais leis, porém somente as mesmas não são suficientes ou a única forma de promover o avanço social. As realidades que cercam as variadas culturas e práticas sociais são omitidas pela redação positivista da legislação, como afirma Piovesan:

se o combate a discriminação é medida emergencial à implementação do direito a igualdade, todavia, por si só, é medida insuficiente. Faz-se necessário combinar a proibição da discriminação com políticas compensatórias que acelerem a igualdade enquanto processo.⁷⁰

A implantação de políticas sociais, que visem a inclusão social, não deveria existir necessariamente apenas através de criação de leis. A inclusão precisa ser galgada também pela conquista da interação social entre os grupos, através do convívio conquistado pela tolerância e respeito às diferenças, e não apenas através da imposição de leis. Precisamos considerar os princípios que contribuem para convivência social de variadas culturas e estilos de vida. Dessa forma, são “os princípios que integram a vida das pessoas em sociedade, ajudando-as a viver e conviver”.⁷¹

A PEC (Proposta de Ementa Constitucional),⁷² de autoria da senadora Marta Suplicy, em que é proposta a modificação nos documentos pessoais dos cidadãos, renomeando a nomenclatura de pai e mãe para simplesmente filiação, com o objetivo de preservar para os casais de homossexuais o direito de adotar crianças, como filhos legítimos, sob o argumento

⁶⁸ VIEIRA, 2009, p. 59.

⁶⁹ SCHULZ apud WILSON, 2008, p. 14.

⁷⁰ PIOVESAN, Flavia. *Temas de direitos humanos*. São Paulo. Saraiva. 2013. p. 295.

⁷¹ EILSON, 2008, p. 15.

⁷² *Título VI, Art. 32 – Nos registros de nascimento e em todos os demais documentos identificatórios, tais como carteira de identidade, título de eleitor, passaporte, carteira de habilitação, não haverá menção às expressões “pai” e “mãe”, que devem ser substituídas por “filiação”.* (PEC-proposta de emenda a constitucional. www.senado.gov.br)

de não constranger as crianças, é um exemplo clássico de dissolução da tradição e dos princípios que são primordiais para a boa convivência social entre as gerações e as culturas, como afirma Wilson.

A tradição e a experiência são ingredientes importantes na formação dos princípios. Não são fantasias de uma ou poucas pessoas, mas o resultado da reunião de várias gerações de conhecimento, cultura, diferenças e semelhanças que o grupo social vai identificando e respeitando.⁷³

A situação, no entanto, é mais complicada do que parece, pois, quando se envolve a formação de personalidade de novos indivíduos, nesse caso, a das crianças, é preciso ter muito cuidado em tomar algumas decisões, pois se trata do futuro de outros seres humanos, que se definirá influenciados por nossas ações. Como afirma Gikovate, “a partir do segundo ano de vida, vamos constituindo uma forma peculiar de pensar e de decodificar tudo que nos cerca e também o que se passa em nosso íntimo”.⁷⁴ O caminho mais sensato seria a implantar e complementar ações e estratégias de promoção de determinadas realidades culturais diferentes, para que a sociedade possa assimilar e absorver com segurança tais realidades, diferenças e direitos de forma tolerante, que viabiliza a aceitação por parte da maioria.

Vale dizer, para garantir e assegurar a igualdade não basta apenas proibir a discriminação, mediante a legislação repressiva. São essenciais as estratégias promocionais capazes de estimular a inserção e inclusão desses grupos socialmente vulneráveis nos espaços sociais.⁷⁵

Assegurar na legislação, a proteção à integridade física e psíquica é necessário. Predomina, portanto, o princípio do respeito e da tolerância. Assim conseguiremos promover a discussão de forma ética e moral, sem perder de vista a problemática em xeque. Seria mais benéfico para a sociedade, se houvesse, por parte de alguns seguimentos, a tolerância e o compromisso em fomentar o debate.

O fato é que os inúmeros instrumentos que apoiam as reivindicações a favor do reconhecimento da “família homossexual” no Brasil não estão atentos às diversas modificações sociais que irão se submeter, principalmente no que tange aos filhos e a religião. Não há uma essência totalmente imune de efeitos colaterais nas reivindicações dos grupos homossexuais, como afirma Josaphat, “a organização e a mobilização dos gays e lésbicas, como todas as formas militantes de pressão ou de conquista da opinião pública, podem comportar benefícios como prejuízos e inconveniente para os interessados, para terceiros e

⁷³ WILSON, 2008, p. 15.

⁷⁴ GIKOVATE, 2013, p. 15.

⁷⁵ PIOVESAN, 2013, p. 295.

para a sociedade”.⁷⁶ Tais prejuízos a inconvenientes é um fato tão explícito que devem ser considerados pelos reivindicadores, que também, assim como os demais, podem sofrer modificações prejudiciais, mediante ao sistema social, que por sua vez se mostra intolerante.

Tudo isso deve ser aludido pelo viés dos parâmetros da ética, pois, ao contrário, estaremos sujeitos ao obscuro, sendo levados ao rumo da discórdia e não da conquista por uma sociedade mais humana e igualitária. Ao consideramos os princípios éticos envolvidos, poderemos nos submeter a um melhor discernimento dos conteúdos apresentados. A ética é o instrumento usado constantemente para direcionar as ações morais das pessoas, fazendo com que tais ações sejam corretas ou não corretas perante a sociedade.

Os filhos não são mais levados a entender os princípios básicos como o compromisso familiar, obediência, generosidade e lealdade para com os seus familiares. As crianças e jovens estão conflitando suas raízes com o mundo que os cerca. Tais conflitos os levam a entender de diversas formas a sua existência, no mundo que os entrelaçam. É evidente que vários conflitos e problemas que emergem na nossa sociedade são fruto dos problemas que vêm assolando as famílias, que, por medo ou vontade de se adaptar, partem para soluções revolucionárias, que podem ser mais um problema e não uma solução. Essa reconfiguração da família está sendo assimilada como algo inerente e comum, isso talvez conceda uma abertura muito forte para os que defendem que se é necessário mudar conceitos e formatos de família. Além dos problemas mais antigos e comuns que atingem as famílias, como o álcool, violência e drogas, agora se percebe também que as tendências atuais como a tecnologia e as relações afetivas, estão nos levando a um caminho extraordinariamente diferente no âmbito da família. Constituir uma família aparece no atual contexto como uma forma de autorrealização. “Elementos como família, pátria, Deus, sociedade e futuras gerações só interessam ao “sujeito autônomo pós-moderno” como meios de “auto realização pessoal”.⁷⁷ Todos têm o direito de autorrealização, não há problema em ser feliz e se realizar, porém a problemática se encontra na banalização que encontramos nos atos dos que reivindicam esse direito.

1.5 Enraizamento do pensamento cultural/ético/moderno

Vivemos num contexto sociocultural que sofre constantemente transformações na construção de seu perfil. Não temos uma característica cultural fixada, mesmo nas esferas regionais, onde se poder centralizar a práticas de uma comunidade local. O indivíduo “pós-

⁷⁶ JOSAPHAT, 2010, p. 302.

⁷⁷ ESPERANDIO, 2007, p. 64.

moderno” não produz uma característica de estabilidade em sua realidade sociocultural, sua identidade é flexível, devido às constantes mudanças, que abala e descentraliza o sujeito, como afirma Hall:

Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um “sentido de si” estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito.⁷⁸

Tais transformações nas identidades dos sujeitos pós-modernos impossibilita um enraizamento das práticas ético-culturais. A incerteza que está inserida em tais transformações produz um medo que instiga a centralização do eu, induzindo a uma desestabilização do sujeito em sua esfera sociocultural. Assim, podemos perceber que as características da sociedade, que consideramos pós-moderna, suas peculiaridades e sua progressão nos mais simples aspectos são desconfortáveis e flexíveis quando se trata de oferecer aos sujeitos nela inseridos uma possibilidade de construir uma cultura mais estável e enraizada nos valores éticos e morais, devido às constantes incertezas produzidas pelas inúmeras mudanças que ocorrem a todo o instante.

O fato é que não podemos nos enganar, achando que poderemos resgatar os formatos anteriores de cultura, da ética e da moral. Podemos até nos remeter a diversos princípios que consideramos imutáveis, mas que, de uma forma ou de outra, sofreram adaptações para a nova cultura pós-moderna. Não os perdemos, mas também não mais conseguimos aplicá-los ou utilizá-los da mesma forma ou formato, pois as novas tendências da sociedade nos impulsionam para uma nova prática. Mesmo que venhamos a priorizar diversos princípios adquiridos na formação de nossa personalidade, através das instituições da família e da escola, somos instigados a mudanças que, às vezes, acontecem de forma automática. Os princípios que fundamentavam nossas práticas socioculturais foram desestabilizados mediante os direcionamentos propostos pelos indivíduos pós-modernos. A essência que norteava as práticas do sujeito anterior declinou, fazendo surgir uma nova identidade para o indivíduo contemporâneo, como afirma Hall: “Em essência, o argumento é o seguinte: as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado”.⁷⁹

⁷⁸ HALL, 2006, p. 9.

⁷⁹ HALL, 2006, p. 7.

Devido ao fato de estarmos inseridos num sistema social que nos obriga a nos adaptar e a mudarmos algumas práticas culturais e sociais, isso nos direciona também para um novo formato de pensamento, que, por sua vez, altera nossa sensibilidade e nossa concepção sobre diversos conceitos que anteriormente nos eram, de certa forma, inadmissíveis, mas que nos novos entrelaces da cultura moderna agregamos em nosso novo senso de vivência social e passamos a aceitá-los e também, de alguma forma, praticá-los. Poderíamos analisar diversos aspectos que marcam a cultura atual. Porém, parece que podemos resumir tal quadro em: estética, consumismo, liberdade, direito e autorrealização, assim montamos um mapa bem definido do aspecto cultural contemporâneo.

Podemos concordar com Bauman quando afirma que a nossa sociedade vivencia o processo de transformação dos seus valores e princípios, de um formato sólido para um formato líquido, impulsionados pelos aspectos exigidos pelo novo formato de pensamento, para dar certa fluidez, na tentativa de reconstruir os pilares que seriam sustentadores das novas tendências, que construíram as novas culturas e sociedades. “O derretimento dos sólidos levou à progressiva libertação da economia de seus tradicionais embaraços políticos, éticos e culturais”.⁸⁰

A teoria do projeto “moderno” propõe desconstruir princípios considerados incapazes, para construir outros mais sólidos e capazes de tornar a vida mais administrável. Para isso, seria necessário diluir o que era sólido para torná-lo a solidificar num novo formato, assim concebe Bauman, sobre o projeto moderno:

Os tempos modernos encontram os sólidos pré-modernos em estado avançado de desintegração; e um dos motivos mais fortes por trás da urgência em derrete-los era o desejo de por uma vez, descobrir ou inventar sólidos de solidez duradoura, solidez em que se pudesse confiar e que tornaria o mundo previsível e, portanto, administrável.⁸¹

O intuito, segundo Bauman, seria construir bases mais sólidas para tornar as questões mais previsíveis e, como consequência, mais administráveis. Isso inclui construir uma cultura de práticas inovadoras e universais. Porém, a urgência requeria uma medida revolucionária, começar do zero, pois não se tinha como prever exatamente como seriam as novas tendências sociais e culturais. A crença era tanta que a visão de um mundo melhor era a força que movia todo o processo, acreditar numa nova etapa da história, onde a igualdade, o direito, a moralidade e, conseqüentemente, a ética seriam as bases da nova cultura para tornar as

⁸⁰ BAUMAN, 2001, p. 10.

⁸¹ BAUMAN, 2001, p. 10.

peças e o ambiente onde estão inseridas melhor. Porém, parece que o tal projeto vai à falência, por construir sim uma nova cultura, mas uma cultura que se desencadeia em bases também revolucionárias, como era o desejo desde o princípio. A existência de práticas atuais, justificadas pelas necessidades, torna o desejo de autovalorização predominante nas ansiedades apresentadas pelos novos indivíduos, tornando as pessoas mais egoístas, consumistas e intolerantes. Sua projeção nas classes mais altas da sociedade depende da capacidade que cada um tem de consumo, quanto mais se consome, para se ter uma vida aparentemente de *status*. As pessoas se tornam cada vez mais alienadas, e as demais, em sua consciência eticamente “correta”, que não se prendem a tais costumes de consumo e comportamentos banais, nas sociedades, de fato, são excluídas⁸² e ignoradas pelos demais.

Por não compartilhar das mesmas ansiedades ou capacidade econômica, tais pessoas ficam às margens da sociedade, vinculadas a uma “cultura ultrapassada”. Os fatores que as levam a ter tais comportamentos não são considerados e tão pouco analisados. São simplesmente excluídas por entender-se que não estão aptas a seguirem as regras das *socialites*. Nossas culturas caminham pela estrada da exclusão social e moral. Os valores são demasiado evasivos, são de fato preconceituosos, pois consideram *status* social, poder econômico, estética e moda, a cultura da aparência se tornar predominante, os valores são agregados aos objetos, solidificando mais o material, retirando o transcendental das práticas enraizadas no novo conceito de modernidade e atualização.

As pessoas são instigadas pela mídia, pelos centros urbanos, como *shoppings*, boates, bares e restaurantes altamente luxuosos, que precisam ter uma vida social de estatuto “elevado”, ao perceber, ao seu redor, aqueles que constantemente insistem em interagir com os mesmos. Os que assistem de longe sua súbita passagem pelo cenário, afirmam sua política de exclusão social, ao considerar outra pessoa inferior e incapaz de interagir, por não possuir características externas de poder econômico e, muitas vezes, por não ter uma aparência estética que seja interessante. Então, assassinam o outro com seus olhares penetrantes de renegação e marginalização, incentivados pelo pretensão nível social.

Em plena cultura pós-moderna, ainda temos as discussões étnicas, os preconceitos e concepções sobre a cor, a origem, a religião, os costumes e a linguagem, que são fortes e evidentes, na sociedade contemporânea, nossos pensamentos ainda não superaram essas diferenças. A falta de respeito e intolerância a tais aspectos culturais precisam ser discutidos

⁸² Isto é, os que não compartilham com as normas, os valores e os significados estabelecidos por esta cultura são considerados como anormais pela sociedade. Aquele que se “desvia” da normalidade da cultura estabelecida sofre não somente a sanção subjetiva da “culpa moral”, mas também a possibilidade do terror da loucura. MO SUNG & SILVA. *Conversando sobre ética e sociedade*. Petrópolis: Vozes. 2009. p. 30.

pela ética, pois a consciência ética e moral admite e aceita a diversidade cultural humana, mas nós insistimos categoricamente que precisa existir uma espécie de “*apartheid*”⁸³ sociocultural universal intransponível. Porém, se eticamente admitirmos que cada grupo identificado pela sua respectiva cor, religião, costumes e linguagem, tem uma característica diferente nas suas práticas culturais, como, por exemplo, o índio tem suas diferenças culturais do branco, isso é uma evidência concreta das diferentes identidades culturais

Não há como negar a existência de uma cultura de origem étnica, pois o afrodescendente tem uma prática sociocultural diferente do índio, isso é concebível devido à origem de cada classe. Eticamente é inerente e aceitável, ao ser humano a existência de tais diferenças culturais, pois são elas que tornam possível a construção de uma rica esfera de práticas, originárias de realidades diferentes. Porém, um dos problemas é a marginalização e o preconceito com tais diferenças, que, muitas vezes, se apresentam na cor da pele, na forma de se expressar oralmente, nos gostos culinários e no uso das roupas. Isso também é devido à identidade cultural que cada grupo tem e carrega. Nenhum grupo, ao se misturar com outro grupo, perde totalmente suas características, há uma tolerância e mistura de hábitos e práticas, embora afirme Hall, que há uma tentativa do sistema de globalização em unificar as culturas, onde a influência de uma determinada cultura sobre a outra não mais é refreada pela separação e distância entre ambas.⁸⁴

No Brasil, a população é composta de uma grande diversidade de etnias,⁸⁵ a riqueza cultural é evidente, devido à pluralidade de culturas existentes, porém a sensibilidade ética e prática tolerante de aceitação e respeito a diversas identidades socioculturais ainda precisa ser fortalecida. Num país onde não há uma predominância étnica, torna-se ainda mais imperativa a construção de um pensamento ético e social, que possibilite a interação das diversas etnias e culturas, tornando assim a convivência mais branda entre as mesmas.

1.6 Ética, cultura e tecnologia

Estamos vivendo em uma sociedade que é chamada de “sociedade do conhecimento”, devido às práticas e aos hábitos cada vez mais se tornarem dependentes dos

⁸³ O **apartheid**, termo africâner que quer dizer separação, surgiu oficialmente na África do Sul em 1944, e serve para designar a política de segregação racial e de organização territorial aplicada de forma sistemática a aquele país, durou até 1990. O objetivo do apartheid era separar as raças no terreno jurídico (brancos, asiáticos, mestiços ou coloured, bantus ou negros), estabelecendo uma hierarquia em que a raça branca dominava o resto da população e, no plano geográfico, mediante a criação forçada de territórios reservados: os Bantustanes. Disponível em: <http://www.infoescola.com/historia/apartheid/>. Acesso em: 06/06/2012.

⁸⁴ HALL, 2006, p. 77-82.

⁸⁵ A etnia é o termo que utilizamos para nos referirmos às características culturais – língua, religião, costume. Tradições, sentimento de “lugar” – que são partilhadas por um povo. (HALL, 2006, p. 62.)

instrumentos tecnológicos, ponto muito relevante para o atual quadro social e suas práticas culturais. De fato, cada vez mais as pessoas se tornam dependentes de aparelhos eletrônicos e informatizados, criando um vínculo até mesmo efetivo com tais instrumentos, que, por vez, deveriam ser apenas uma ferramenta de auxílio para as atividades do dia a dia. Porém, se incorpora nesses utensílios eletrônicos uma espécie de coquetel anteproblemas. Assim, depositam seus anseios em instrumentos por eles mesmos criados, entregam a uma ciência estática seus destinos, costumam suas crianças ao vício da tecnologia logo ao início da vida, tornando-as dependentes dos aparatos eletrônicos. A globalização e a tecnologia invade cada vez mais os lares das famílias contemporâneas, influenciando e transformando seu cotidiano, como nos remete Filho ao afirmar que, “As mudanças tecnológicas e os efeitos da globalização influenciam diferentemente a população de determinadas classes sociais e a maneira que os “arranjos domésticos” são estabelecidos dependerá da maneira pela qual aquela família sofrerá as mudanças”⁸⁶, tais mudanças afetam também os laços afetivos da família, pois as pessoas dividem seu tempo disponibilizado ao cotidiano familiar, com aparelho eletrônicos como a TV, games e principalmente a internet, modificando as relações familiares. A tecnologia trouxe em sua imensa esfera possibilidades, mas também uma gama de fatores que modificaram não só apenas os meios de se comunicar, mas afetaram também as formas de o ser humano se relacionar consigo mesmo e com a natureza, tornando a comunicação cada vez mais complexa como afirma Sampaio e Leite:

[...] ao transformar, ao longo do tempo, as formas de produzir e reproduzir os meios de sua própria sobrevivência, o ser humano modificou também suas relações humanas e com a natureza. As tecnologias que criou – desde a roda até o computador – geraram transformações na maneira de se comunicar, produzindo meios de comunicação cada vez mais complexos.⁸⁷

A evolução social carrega, em seu eixo, as características das tendências das novas tecnologias, que influenciam todo o processo de formulação cultural, transformando cada vez mais as pessoas dependentes principalmente e especificamente da tecnologia da comunicação. O indivíduo contemporâneo estabeleceu para si uma necessidade de conexão instantânea com o mundo ao seu redor.

O fetiche dos jovens pelos diversos modelos de aparelhos informatizados e eletrônicos os torna incrivelmente aguçados em suas habilidades lógicas que, por vez, os conduz a um prejuízo imenso na construção de seu senso ético/moral, através dos conteúdos acessados e utilizados. O pensamento de conectividade que oferece aos indivíduos, nessa

⁸⁶ JOSÉ FILHO apud OLIVEIRA, 2009, p. 77.

⁸⁷ SAMPAIO e LEITE, 1999, p. 13.

nova tendência de vida social, que se apresenta nos sistemas online na internet, através de sites de relacionamento e outros, produzem uma grande ilusão às pessoas. Ao pensarem que estão mais seguras, abrem suas vidas a pessoas que nunca viram pessoalmente e que não sabem de suas origens, expondo-se totalmente ao acaso e ao perigo, os que interagem virtualmente estão sujeitos á uma interface que ameaça a dignidade do ser humano e distorce sua identidade, conforme Pinheiro:

O computador e os jogos computadorizados tornam-se, em parte, substitutos dos parceiros reais. Tudo isso, na verdade, significa a dissolução do sujeito, da pessoa, do eu, da essência humana, da identidade, do gênero, e cria anonimato e distância. Há muitos rostos, ao mesmo tempo uma perda da face, e por isso nenhum semblante. A “interface” ameaça a identidade, a existência, a qualidade de vida, a dignidade, a liberdade e o semblante do ser humano.⁸⁸

Não podemos negar os grandes benefícios que essas tecnologias trouxeram para o avanço da humanidade, contudo, precisamos lembrar que, ao exceder os limites nos colocamos num terreno de incertezas, capaz de gerar tantos problemas que podemos levar toda uma vida e não conseguir reparar, sendo o maior prejuízo na consciência. Em se tratando de moralidade e ética, a internet não pode oferecer segurança, pois é um território totalmente neutro, ao qual todos têm acesso e podem realizar diversas ações que na prática do cotidiano seriam muito complicadas e difíceis. Diversos internautas abusam da incapacidade que se tem para controlar a enorme quantidade de informações que trafegam na internet, e cometem ações de cunho ilegal, corrupto e imoral, se sentem muito à vontade.

Não podemos esquecer-nos de que, com o grande avanço da telecomunicação, o tempo fica mais maximizado, mas ainda continuamos a reclamar que o tempo é curto e que os dias passam rápidos, pois, através da conectividade, todos podem interagir de forma instantânea, de onde estiverem, possibilitando a troca de informações imediatas. Numa era virtual, as pessoas tendem a se tornarem surreais, “confundido virtualidade com realidade, conforme aponta Pinheiro ao afirmar que, “a relação entre as realidades virtual e real consiste atualmente em um dos problemas centrais da Filosofia e da ciência em geral. Para muitos, a realidade virtual cada vez mais toma o lugar da realidade real”.⁸⁹ Dessa forma as pessoas assumem o risco de confundir fantasia com realidade. A virtualidade contemporânea, modifica constantemente a sociedade e suas bases culturais.

⁸⁸ PINHEIRO, Emilene Piva. Crimes virtuais: uma análise da criminalidade informática e da resposta estatal. PUCRS. 2006. Disponível em: http://www3.pucrs.br/pucrs/files/uni/poa/direito/graduacao/tcc/tcc2/trabalhos2006_1/emeline.pdf

⁸⁹ PINHEIRO, 2006, p. 7.

As ferramentas que estão disponíveis através da tecnologia da informação, para possibilitar agilidade, conforto e felicidades, também se encontram disponíveis para aplicação de crimes e violências, pois é um ambiente livre e difícil de fiscalização pelas autoridades e para a justiça agir como aponta Pinheiro.

O Direito em si não consegue acompanhar o frenético avanço proporcionado pelas novas tecnologias, em especial a Internet, e é justamente neste ambiente livre e totalmente sem fronteiras que se desenvolveu uma nova modalidade de crimes, uma criminalidade virtual, desenvolvida por agentes que se aproveitam da possibilidade de anonimato e da ausência de regras na rede mundial de computadores.⁹⁰

Infelizmente o ser humano tem um grande potencial para distorcer os benefícios transformando-os em instrumento de coação, agressão e inibição contra seu próximo, a internet é um exemplo típico dessa realidade. Muitas pessoas buscam residir nas grandes cidades, visando desfrutar do conforto que julgavam ter pelos meios da tecnologia, pelos serviços oferecidos como a internet, bancos, transporte e dentre outros. Por fim, tal adaptação na cultura construiu uma dependência pelos diversos produtos informatizados que em meio aos medos e caos, os indivíduos se cercam de grades e câmeras para tentar se proteger contra a violência urbana, impregnada nas atuais sociedades, transformando-os em reféns de uma guerra que lamentavelmente não terá fim por um bom tempo, pois o homem criou uma zona de batalha nas cidades, conforme Bauman, “a guerra contra a insegurança, e particularmente os perigos e os riscos à segurança pessoal, agora é travada dentro da cidade, onde se estabelecem os campos de batalha urbanos e se traçam as linhas de frente.”⁹¹ O fato é que, em meio a uma gama de instrumentos e ferramentas tecnológicas disponíveis a toda a sociedade, não se pode confiar que as mesmas serão uma garantia de segurança, pois são apenas objetos manipulados à mercê da vontade humana. Não haverá tecnologia ou instrumento tecnológico que se insira na sociedade que possa combater e mudar o senso ético e moral dos homens, somente uma conscientização e uma cultura de práxis ética poderá intervir e modificar o rumo da sociedade contemporânea.

Devido ao constante convívio, pela sociedade considerada de “classe superior”, no globalizado e conectado mundo pelo sistema de comunicação mundial, através da internet e outros meios de interação e comunicação, constroem uma barreira social, devido ao seu isolamento físico, interagindo somente através do mundo virtual, que julgam ser melhor, mais amplo, mais livre e mais moderno. Estabelecem uma fronteira social, instituída nas bases da exclusão social, permitindo a existência de uma dicotomia cultural de classes, gerando assim

⁹⁰ PINHEIRO, 2006, p. 8.

⁹¹ BAUMAN, 2007, p. 78.

diversos conflitos, impossibilitando a igualdade social, trazendo à tona uma realidade, por muito tentando-se camuflar com ideologias, por vezes alienantes, na tentativa de convencer a maioria de que se pode criar um sistema igualitário, dando a todos os mesmos direitos. Isso é no mínimo vergonhoso, tentar esconder uma verdade escancarada, de que não existem dois mundos, e somente um para todos. Somente os que detêm certo poder de capital financeiro podem desfrutar das maravilhas disponíveis no mundo globalizado e conectado, e os demais ficam a mercê de suas limitações geográficas, físicas e sociais.

O mundo em que vive a outra camada de moradores da cidade, “inferior”, é o exato oposto da primeira. Em agudo contraste com o estrato superior, caracteriza-se por ter sido cortada da rede mundial de comunicação à qual as pessoas da “camada superior” estão conectadas e à qual estão sintonizadas suas vidas. Os cidadãos urbanos da camada inferior são “condenados a permanecerem locais” – e portanto se pode e deve esperar que suas atenções e preocupações, juntamente com seus descontentamentos, sonhos e esperanças, se concentrem nos “assuntos locais”. Para eles, é dentro da cidade que habitam que a batalha pela sobrevivência, e por um lugar decente no mundo, é lançada, travada e por vezes vencida, mas na maioria das vezes perdida.⁹²

Percebe-se que a cultura social da tecnologia, proporciona também uma lacuna ética, tendo em vista que a mesma não promove a igualdade, sendo que, na verdade, se direciona para o caminho da exclusão e dominação, pelos meios que deveriam ser instrumentos de combate a todo tipo agressividade contra a “classe inferior”. Sendo a ética o senso norteador no julgamento dessa realidade, não há como aceitar que muitos se utilizam dos avanços tecnológicos, que deveriam ser de acesso a todos, para se manter numa posição superior, promovendo a desigualdade, com relação as classes mais pobres.

Os elementos se invertem, porém não se mudar a mesquinhez do ser humano, pois há pouco tempo se utilizava da falta de informação e conhecimento como objeto de alienação e dominação, agora se usa dos grandes níveis de conhecimento e propagação do mesmo, para então sobrepôr a dominação tirana, em favor dos poderosos. Prega-se em favor da liberdade e do direito, disseminam uma gama de informações passivas de diversas interpretações, possibilitando uma lacuna no senso crítico das pessoas, que se mostram cada vez mais despidas dos valores e virtudes morais que, são primordiais para a educação e construção de uma consciência voltada a responsabilidade de cada indivíduo, sem a ânsia da obrigatoriedade imposta por regras ou leis, mas feita de forma voluntária, assim compreende Josaphat, ao apresentar os valores e as virtudes como base para uma ética integradora:

⁹² BAUMAN, 2007, p. 81.

Ele visa orientar o muito que há por fazer, mediante a educação, a formação das consciências, das comunidades e da sociedade, para que todos esses vastos domínios humanos possam se desfazer da influencia ou dos resquícios da moral da imposição, da lei, das normas ou obrigações.⁹³

A reconfiguração da consciência ética e moral, na contemporaneidade, no que tange os valores e virtudes, deve ser considerada até mesmo, para aqueles que se consideram atentos e preparados para o mundo globalizado e conectado pela tecnologia, sendo que, é preciso considerar o problema da imoralidade ética-social, no conjunto de dificuldades apresentados na realidade do sistema social contemporâneo.

Mediante a um mundo tecnológico e globalizado, o ser humano precisa se educar conscientemente, tornando possível uma mudança no comportamento do mesmo, mediante todas as situações que for necessário o uso bom senso, da moralidade, da ética e da responsabilidade com o outro e com o futuro, defendendo valores e virtudes humanos numa sociedade conectada pela tecnologia. Isso será possível, segundo Josaphat, através da “junção dos valores e virtudes, a compreensão de sua sinergia oferece a expressão elaborada de um fenômeno geral hoje: a presença, o encontro e o reconhecimento recíproco de um conjunto movimentos de ética, sobretudo social”.⁹⁴

Na evolução das práticas humanas se encontra na realidade atual um discurso frenético, da conectividade sistêmica, as pessoas estão presas ao um sistema, que envolve tanto os fatores tecnológicos como os de cunho social, político, econômico, cultural e religioso, nada mais existe de forma desvinculada e individual, tudo acontece via a sistema que, direciona e normatiza. Tal conceito é visto e compreendido como fundamental, dentro da organização social, pois ao abordarmos a questão do sistema dentro desta discussão, se percebe que não é apenas uma questão de tecnologia. Bertalanffy, ao tratar do conceito de sistema afirma “que os fenômenos sociais devem ser considerados como “sistemas”, por mais difíceis e estabelecidas que sejam atualmente as definições das entidades socioculturais”.⁹⁵

Nossa cultura e nossas práticas sociais estão influenciadas por sistemas que estão se tornando, a cada dia, parte da estrutura de vida do ser humano, na qual se percebe que ao lidar com as necessidades organizacionais, o ser humano constrói para cada realidade proposta, um sistema para normatizar e gerenciar. Exemplos disso são a educação, a política, a justiça, o transporte e a comunicação que, são sistemas criados, disponíveis para fomentar as necessidades sociais, por isso que, os sistemas influenciam os princípios básicos da

⁹³ JOSAPHAT, 2010, p. 123.

⁹⁴ JOSAPHAT, 2010, p. 124.

⁹⁵ BERTALANFFY, 1977, p. 23.

convivência social como, a liberdade, a igualdade, a moralidade e a ética, ambas sofrem modificações, pois todas estão vinculadas às necessidades e as práticas sociais humana. Mediante a essa realidade, percebe-se que não existe possibilidade de se construir e fundamentar questões básicas do ser humano, sem se atentar aos diversos sistemas e tecnologias que o cerca.

O que está em questão é não apenas a fortificação de uma nova realidade sociocultural, mediante a tecnologia e seus sistemas, mas a reconstrução de seus valores e seus princípios morais e éticos, que serão afetados e influenciados em toda a formação.

A tecnologia e a informatização se tornam, no atual contexto cultural, um símbolo muito forte para as práticas sociais. Tal realidade permeia um sistema que integra os interesses das pessoas. Isso constrói uma identidade muito forte, porém de características bastante individuais, tornando a cultura e as práticas sociais muito fragmentadas, determinando um aspecto no mínimo intrigante, devido a suas fontes simbólicas, que se sustentam nas bases do sistema tecnológico.

Fica evidente que a formulação de uma cultura pós-moderna se encontra impregnada de diversos fatores ligados à nova era da tecnologia e da sistematização, construídos paulatinamente no curso da história sociocultural, através da reconfiguração da identidade social e de seus símbolos que, foram se modificando conforme a cultura contemporânea, foi tomando consciência das novas realidades simbólicas que foram construídas através da cultura dos sistemas e das tecnologias. Habermas afirma que, “quando tomamos consciência de que a história e a cultura são as fontes de uma imensa variedade de formas simbólicas, bem como da especificidade das identidades individuais e coletivas, percebemos também, pelo mesmo ato, o tamanho do desafio representado pelo pluralismo epistêmico”.⁹⁶

O fato é que, precisamos tomar consciência do período forte e intenso que a cultura tecnológica, seus instrumentos e sistemas produzem uma característica peculiar e forte, a saber, a pluralidade cultural se torna intensa e real, mesmo dentro de um único sistema cultural de uma determinada sociedade, podemos perceber uma extraordinária multiculturalidade, tal diversidade coletiva e individual, constitui as ricas diferenças culturais da nossa contemporaneidade como nos remete Habermas ao afirmar que, “até certo ponto, o fato do pluralismo cultural também significa que o mundo se revela e é interpretado de modo diferente segundo as perspectivas dos diversos indivíduos e grupos – pelo menos num primeiro momento”.⁹⁷

⁹⁶ HABERMAS, 2007, p. 9.

⁹⁷ HABERMAS, 2007, p. 9.

O fato é que, as diversas facetas das variadas multiculturas, existente em nossa sociedade, pode gerar uma diversidade de interpretação e compreensão da visão de mundo das pessoas, podendo afetar inclusive na sua formulação de valores.

Uma espécie de pluralismo interpretativo afeta a visão de mundo e a autocompreensão, bem como a percepção dos valores e dos interesses de pessoas cuja história individual tem suas raízes em determinadas tradições e formas de vida e é por elas moldada.⁹⁸

1.7 Ética e a cultura da competição social

Na era da informação, tecnologia, globalização industrial e social nos são apresentados modelos e práticas que nos levam ao rumo de uma nova política de relacionamento humano/social, na qual todos nós somos levados a entender que precisamos disputar por uma vaga, nos diversos setores da sociedade. Isso incita as pessoas para uma competição acirrada na sociedade, pois é levada aos jovens a informação que o mundo está mais exigente e competitivo, e que somente os melhores sobrevivem. Talvez, em parte, tal discurso tenha seu crédito, porém, com esse tipo de argumento, estamos construindo uma cultura que incentiva cada vez mais a competição social, profissional, política e econômica, onde todos são levados a praticar diversas articulações, muitas inadequadas, obscuras, ilegais e, por último, imorais e antiéticas, tornando assim as diversas instâncias sociais corruptas, devido à desenfreada competição, pela busca da grandeza e do “poder”, assim a maioria das pessoas anseia conquistar algum tipo de lugar destacado na sociedade, instigado pelo sucesso do outro, mesmo sabendo que a maioria não alcança o mesmo o lugar e “sucesso” social.

Recentemente, no dia do professor (comemorado no Brasil em 15 de outubro), em entrevista ao jornal de maior circulação em Porto Alegre, uma professora disse que o fato de crianças e jovens de hoje considerarem sucesso, fama e fortuna como o que mais importa na vida rouba-lhes a oportunidade de encontrar satisfação em coisas simples, como estudar e aprender.⁹⁹

Percebe-se que nossas crianças e jovens já sonham em conquistar coisas que elas mesmas ainda não compreendem, como fama e fortuna, construindo a ideia de competição, onde os mesmos precisam ter posse de alguns determinados objetos ou posição, para se tonar uma pessoa, verdadeiramente reconhecida na sociedade, construindo nas mentes dos novos indivíduos da sociedade contemporânea uma falsa necessidade material, criando uma prática

⁹⁸ HABERMAS, 2007, p. 9.

⁹⁹ COSTA, 2009, p. 23.

fortemente individualista pela conquista de posição, riqueza e poder, que alcança o patamar de costume e/ou habito cultural, que tem instruído e dirigido os princípios da nossa sociedade, se enraizando numa virtude que lhes foi ensinada, por um sistema social imoral, tornando tal ensino um grande perigo para o futuro da sociedade, pois como afirma Vaz¹⁰⁰, quando analisa os textos do grande pensador Aristóteles, ao enfatizar que é o exercício e a prática constante da ética e da moralidade que dá origem e fortalece os costumes, evidentemente, podemos também afirmar que constroem a cultura ao seu redor. Isso é, de fato, algo que precisa ser pensado e discutido, pois como afirmamos nesse mesmo trabalho, que a função da ética não é apontar o que é correto ou incorreto, mas sim criar parâmetros que nos possibilite estabelecer tais conceitos, sendo assim, analisando a concepção de que ao nos habituar à uma determinada prática e/ou costume, iremos instituir parâmetros éticos para justificá-la, mesmo a mesma sendo algo não aceitável anteriormente, mas passiva de adaptação e aceitação pelo nosso conceito mental de ética e de moralidade.

É vital para a sobrevivência da sociedade, que se preze por uma cultura coletiva e comunitária, para que possa ser desenvolvido um senso ético de cuidado e zelo, pelo bem estar de todo o sistema de práticas e/ou hábitos sociais, até mesmo no que diz respeito às necessidades básicas de sobrevivência humana, pois a competição pode levar muitos a uma vida social marginalizada, como afirma Brakemeier “quem não sabe competir é condenado ao desemprego, à pobreza, à existência marginal”,¹⁰¹ dessa forma infelizmente no modelo contemporâneo capitalista não é possível, estabelecer um sistema social e cultural, em que as pessoas não se utilizem da competição econômica para se desenvolver com igualdade e liberdade. Porém o que realmente precisa ser discutido é a consciência de que somente através de uma prática que zele pela existência dos limites humanos e dos recursos naturais, introduzindo e fortalecendo seu caráter comunitário, pois só assim todos os envolvidos poderão, mesmo interligados, mas individualmente, pensar coletivamente, como afirma Cortina:

A única base sobre qual uma sociedade pode sobreviver é o fortalecimento de seu caráter comunitário, que exige reafirma seu passado, reconhecer os limites dos recursos e a prioridade das necessidades sobre os desejos e compartilhar uma

¹⁰⁰ Aristóteles diz explicitamente que as virtudes intelectuais se adquirem e se desenvolvem por obra do ensinamento (*ek didaskalias*). Quanto as virtudes morais, assim se denominam porque procedem do *ethos* como costume, e é o exercício constante (*ethiké pragmateia*) que lhes dá origem e as fortalece. (VAZ, Henrique C. de Lima. *Ética e Cultura: escritos de filosofia II*. São Paulo, Loyola, 2004.)

¹⁰¹ BRAKEMEIER, Gottfried. *O ser humano em busca de identidade*. São Leopoldo: Sinodal/ São Paulo: Paulus, 2002, p. 13.

concepção da equidade que dê às pessoas a sensação de justiça e de integração na sociedade.¹⁰²

O pensamento de que o fortalecimento do caráter comunitário pode contribuir para a construção de uma prática social e cultural mais justa e benéfica é de fato coerente, pois as práticas são estabelecidas pelas necessidades, que, por sua vez, desencadeiam todo o modelo de vida. Somente compartilhando e atribuindo igualdade e responsabilidade sobre as questões básicas de sobrevivência, incluindo também o cuidado pelos recursos naturais que são tão necessários ao ser humano, poderemos entender os contextos culturais de práticas nocivas, que poderão paulatinamente ser substituídas. Precisamos aplicar políticas que subsidiem um senso ético para a construção de uma competição que viabilize e mantenha a sobrevivência dentro de uma esfera que preze e valorize a vida e o outro como patrimônio inviolável da existência social.

Os atuais sistemas políticos e econômicos não favorecem o processo de implantação de um caráter comunitário de sobrevivência. Torna demasiadamente difícil estabelecer e construir uma cultura de mercado que priorize as necessidades dos outros. Nesse sistema, as pessoas estabelecem individualmente suas prioridades e suas necessidades, colocando o outro como critério secundário.

O indivíduo contemporâneo é introduzido em uma cultura e sociedade, onde a educação o leva a construir um conceito de sobrevivência, sob o formato de competição social, cultural, política e econômica, sem discutir o verdadeiro caráter de existência coletiva, levando-o a um estilo de vida totalmente “isolado” dentro do sistema social contemporâneo. O indivíduo é impulsionado pelo desejo de felicidade, levado a uma busca por conquistas, pessoais e individual, para atender suas necessidades e seus anseios pessoais.

É de suma relevância admitirmos que a competição capitalista, em seus aspectos econômicos, desconsidera valores humanos, transformando as pessoas em instrumento consumidor que, segundo Mo Sung, “consumidor” não é sinônimo de cidadão ou de ser humano”.¹⁰³ Dessa forma, anulando diversos códigos e normas necessários para a seguridade do bem estar social, pois na maioria dos casos, assim as pessoas sofrem uma espécie de preconceito econômico, sendo classificadas socialmente por seu poder aquisitivo, pois conforme Mo Sung, “consumidor é o ser humano que tem dinheiro para entrar no mercado. Aquele que não tem não são consumidores e estão fora do mercado”.¹⁰⁴ Tal conceito, cria uma instabilidade na relação social, seja ela de interesse pessoal, individual, coletivo, profissional,

¹⁰² CORTINA, 2012, p. 142.

¹⁰³ MO SUNG, Jung Mo. *Conversando sobre ética e sociedade*. Petrópolis: Vozes, 2009. p. 59.

¹⁰⁴ MO SUNG, 2009, p. 59.

público ou privado, levando as pessoas a considerar somente o poder aquisitivo do indivíduo, desconsiderando princípios e valores éticos e morais das pessoas, reduzindo a dignidade humana a uma mera mercadoria como afirma Brakemieier. “A dignidade humana, enquanto valor coletivo, sucumbiu no jogo dos interesses. A pessoa, no fundo, é mercadoria que se compra ou despreza, força que se impõe ou sucumbe, máquina que vira sucata tão logo deixa de funcionar”.¹⁰⁵

Dessa forma, a proposta de competição imposta pelo modelo socioeconômico do capitalismo pós-moderno, não se sustenta em padrões e parâmetros morais e éticos estáveis, se tornando incapaz de zelar pela dignidade do ser humano e de apontar um caminho seguro, pois as pessoas ao se confrontarem em relação de competição, muitas vezes esquecem de alguns padrões e códigos morais que podem orientar por uma moral mais estável que, segundo Bauman, são importantes para guiar a sociedade. “São esses padrões, códigos e regras a que podíamos nos conformar, que podíamos selecionar como pontos estáveis de orientação e pelos quais podíamos nos deixar depois guiar, estão cada vez mais em falta”.¹⁰⁶

Podemos discordar de Bauman, somente no requisito de que está em falta, pois se analisarmos as diversas normas, padrões e códigos existentes, percebe-se que, não é falta, mas a não utilização ou a utilização distorcida que as torna inviáveis, levando as pessoas a recorrerem a seu senso interno de justiça, igualdade e humanidade.

As relações humanas devem ser priorizadas em prol do bem estar do outro e de si próprio, para isso, é necessário existir ações deliberadas através do senso ético, fortalecendo os princípios de igualdade, não somente no discurso, mas também na prática. Pois, segundo Habermas, “o mundo moral que nós – na qualidade de pessoas morais – temos de produzir juntos tem um sentido construtivo”.¹⁰⁷ A construção de um mundo moral de forma coletiva, acontece sob a capacidade que cada indivíduo tem de reconhecer as necessidades próprias e dos outros, para tanto exige também dele, um pensamento crítico sob suas ações, princípios, valores e desejos que, segundo Habermas, serão fundamentais para seu discurso prático.

É evidente que a autoconsciência e a capacidade da pessoa de assumir uma posição refletida e deliberada quanto às próprias crenças, desejos, valores e princípios, mesmo quanto ao projeto de toda a sua vida, é um dos requisitos necessários para o discurso prático.¹⁰⁸

¹⁰⁵ BRAKEMEIER, 2002, p. 13.

¹⁰⁶ BAUMAN, 2002, p.14.

¹⁰⁷ HABERMAS, 2007, p. 66.

¹⁰⁸ HABERMAS, 2007, p. 15.

A consciência ética pode ser o princípio básico para o conceito de igualdade. Isso significa que os valores e princípios morais, são o ponto de partida para se construir uma prática real de respeito e igualdade social. As ações sociais precisam ser fundamentadas e pensadas em prol dos outros e não apenas em interesses individuais, pois segundo Mo Sung, no sistema social capitalista de competição, “adotou-se a máxima do “cada um por si”, e as pessoas passaram a ter um comportamento egoísta, buscando apenas o próprio interesse”.¹⁰⁹ As ações individuais, devem ser refletidas e consideradas, para então serem direcionadas, sem causar prejuízos aos outros, para tanto não é descartável o interesse pessoal e individual das pessoas, frente às relações sociais. O comportamento e ação de cada membro da comunidade precisam ser direcionados de forma a existir no jogo da competição social, um senso de igualdade e ética.

As questões comuns sejam de cunho pessoal ou profissional, que envolvem principalmente interesses de diversas pessoas, não podem ser apenas um objeto individual que, possibilite no jogo da competição uma vantagem, no qual o outro pode ser apenas um objeto ou meio no processo de conquista e satisfações pessoais, isso segundo Mo Sung, “é a famosa lei de querer “levar vantagem em tudo”, muito estimulada numa sociedade baseada na concorrência, como é a sociedade capitalista, onde subir na vida implica, muitas vezes, em utilizar os outros como degraus.”¹¹⁰

Não podemos esquecer que, as conquistas e os objetivos das pessoas são refletidos na sociedade como um todo ou pelo menos em determinados grupos sociais, sejam eles constituídos na esfera das relações profissionais, familiares, amigos, religião ou até mesmo outros de rápido contato social.

O fato é que, ao conseguirmos entender nosso lugar dentro do contexto das relações sociais, iremos perceber que, na medida em que nos colocamos no lugar do outro, conseguimos visualizar a nós mesmos, pois à medida que nós nos projetamos para o lugar do outro a percepção dos nossos próprios atos nos leva a refletir sobre os prejuízos e perdas que teríamos se fossem outros a nos tratarem e executarem ações imorais ao ponto de consideramos um simples objetivo sem personalidade humana, não sendo a nós mesmos semelhantes ou iguais. As competições socioeconômicas acirradas desconsideram valores morais como a solidariedade e altruísmo, se tornando maléficas para a construção de uma consciência ética e moral, voltada para a preservação da dignidade do ser humano, pois segundo Mo Sung.

¹⁰⁹ MO SUNG, 2009, p. 47.

¹¹⁰ MO SUNG, 2009, p. 47.

Antes a solidariedade e o altruísmo eram incentivados como valores morais importantes e o egoísmo era controlado ou reprimido. Hoje o egoísmo (a defesa do interesse próprio) passou a ser um valor central na vida social, enquanto que a solidariedade e o altruísmo perderam sentido numa sociedade de competição.¹¹¹

A competição se instala nos diversos setores da sociedade contemporânea, se tornando umas de suas mais fortes características. É nítido que a competição empresarial também é forte e dinâmica, pois a economia e o capitalismo são forças que impulsiona as empresas a cada vez mais competirem nos diversos ramos de mercado. Com o crescimento de diversas grandes empresas em suas múltiplas atuações, acarretam também um novo mundo, onde as variadas profissões e atividades são estabelecidas através de uma necessidade corporativa e não humana.

A ciência e a tecnologia são ferramentas cada vez mais exigidas para a consecução de variados setores da sociedade contemporânea, em que a força braçal, ou até mesmo a intelectual, não é mais o único instrumento de trabalho, mas instrumentos tecnológicos inventados através da ciência tomam posse do formato de e da política das empresas, isso devido ao avanço do próprio homem na tecnologia e na ciência como afirma Apel, ao dizer que “o potencial tecnológico da ciência teve como resultado que o alcance, e com isso o risco das atividades humanas, atingissem uma amplitude simplesmente assombrosa”.¹¹² Que a ciência juntamente com a tecnologia teve um alcance assustador não é uma informação nova, porém Apel chama atenção não para a ciência ou a tecnologia em si, mas para as atividades do ser humano, que atingiu uma amplitude que ele conceitua de assombrosa.

Nas empresas e nas indústrias, o ser humano desenvolve sua atividade ao máximo, a fim de fornecer um subsidio que possibilite às empresas competirem entre si. Para tanto são usados os instrumentos da tecnologia e da ciência com a desculpa de haver uma gama de necessidades que o ser humano tem, e até mesmo afirmar que tais necessidades são básicas para a sobrevivência das pessoas, é que, os sistemas empresariais se estabelecem como algo legítimo.

A política de funcionamento econômico das empresas e indústrias são estabelecidas por uma minoria, com o argumento de ser em prol da maioria, tornando legítimo diversas ações do mundo empresarial, que omite as realidades que os cercam para fim de competir no sistema capitalista, com a degradação dos recursos naturais que, aos olhos das empresas e dos sistemas políticos, não tem proprietário, tornando o que é recurso básico de sobrevivência

¹¹¹ MO SUNG, 2009, p. 48.

¹¹² APEL, 1994, p.161.

humana em simples matéria de fabricação capital para as empresas, trazendo danos quase irreparáveis ao ser humano e seus sistema social de sobrevivência.

A omissão de por as determinações humanas de fins em conexão com os sistemas funcionais naturais correspondeu a omissão de refletir também sobre os condicionantes funcionais biológico-ecológicos de sistemas sociais humanos, mesmo em perspectivas econômicas e jurídicas.¹¹³

A omissão e alguns determinados aspectos econômicos é uma irresponsabilidade social e imoral para com o meio ambiente e seus recursos naturais, que deveriam ser colocados à disposição do ser humano como patrimônio básico para sua sobrevivência, portanto, é preciso explorá-lo com responsabilidade, atrelado às verdadeiras necessidades humanas, e não apenas a um jogo de interesses empresariais, não somente pela indústria que é uma máquina de produzir capital que nunca fomenta os interesses de seus mentores.

A compreensão das peculiaridades éticas da sociedade pós-moderna é uma necessidade real para todos, pois estamos vivenciando uma gama de realidades que nos fazem interagir com diversos conceitos, produzidos por valores existentes em uma sociedade mergulhada em avanços tecnológicos, culturais e sociais.

O ser humano contemporâneo está cada vez mais estimulado pelo sistema global do capitalismo, dessa forma, seus interesses econômicos são prioridades. A reformulação dos conceitos éticos e morais na atual sociedade é fruto do sistema pós-moderno que, prioriza uma forma de vida flexível, através de mudanças constantes e muitas vezes, quase instantâneas. O ser humano busca se adaptar a diversos novos modelos e padrões que, são constantemente reconfigurados pelo modelo pós-moderno de sociedade, englobado pelo sistema econômico capitalista, que possibilita constantemente mudanças culturais e sociais.

A realidade social contemporânea faz o ser humano, reconfigurar constantemente seus conceitos de moralidade e ética, incluindo mudanças em sua base cultural, familiar, religiosa e profissional, dessa forma estamos lidando em um tempo em que, a sociedade não está estruturada em bases definitivas, pois as mudanças são constantes.

¹¹³ APEL, 1994, p. 163.

2 ÉTICA E CONTRIBUIÇÕES DO CRISTIANISMO

2.1 Ética e Cristianismo

Ao buscarmos algumas fontes geradoras de determinados comportamentos sociais, encontramos a religião que, por muito tempo, foi o principal parâmetro para a construção de uma realidade social, moral e ética. As práticas sociais estão submetidas a um referencial, no qual as pessoas incorporam seus valores e seus princípios, construindo suas relações. Tais referenciais poder vir a existir, por variadas fontes.

Mais precisamente: as convicções religiosas e práticas comuns das pessoas da antiguidade estavam inseridas no contexto das relações sociais abrangentes, previamente dadas pelo parentesco e pela família (economia doméstica), pela pertença a um determinado povo ou pelas estruturas políticas.¹¹⁴

Ao mesmo tempo em que é um tema importante e real, é também polêmico e muito complicado, pois temos uma gama de religiões em nosso tempo, que se proliferam cada vez mais. Em nome da fé, são fundadas variadas denominações e estabelecidas sobre uma relação sagrada do ser humano. Com diversas religiões crescentes em nossa contemporaneidade, as religiões milenares como o cristianismo, sofrem uma grande modificação que, também reflete na sua imagem institucional, como apresenta Moreira ao afirmar que, “o fato é que, com o deslocamento do religioso, também a influência pública ou ideológica da religião institucionalizada sofre profundas modificações”.¹¹⁵

No mundo globalizado e cercado por instrumentos tecnológicos, a religião, apesar de não ser mais a única base para estabelecer regras de relações sociais e comerciais, continua sendo agente de transformações sociais, como aponta Moreira ao afirmar que “a religião continua um fator importante de transformação social e os exemplos mais fortes são a herança da Teologia da Libertação nos movimentos sociais globais”.¹¹⁶

A pluralidade religiosa aponta para instituições religiosas sem fronteiras ou caminhos não definidos, deixando a sociedade reconstruir preceitos de suas identidades religiosas, onde

¹¹⁴ STEGEMANN, 2004.

¹¹⁵ MOREIRA, Alberto da Silva. O deslocamento do religioso na sociedade contemporânea. *Estudos de Religião*, Ano XXII, n. 34, p. 70-83, jan./jun. 2008. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/ER/article/download/220/228>>. Acesso em: 20 de novembro de 2013.

¹¹⁶ MOREIRA, 2008, p. 75.

não haverá uma determinada hierarquia, que possibilite um determinado sistema religioso gerenciar as diversas realidades religiosas, pelo que cada ser humano, escolha sua opção religiosa.

O futuro aponta para uma sociedade com pluralidade de ofertas religiosas, provavelmente sem uma instituição que detenha o poder simbólico para estabelecer sozinha uma hierarquia sobre as demais ou para servir de ancoragem hegemônica no campo religioso.¹¹⁷

Em nossa contemporaneidade, os relacionamentos sociais e comerciais são mais exercidos através de regras e leis que são estabelecidos pela justiça, instituição “neutra” que procura organizar diversos conjuntos de regras para conduzir as relações do ser humano, dessa forma, a religião fica mais restrita aos interesses espirituais das pessoas. Dentro da esfera da justiça, também é considerada e defendida a personalidade ética e moral que o ser humano deve manter para se relacionar.

Dentre diversas religiões, o cristianismo mostrou evolução dentro do quadro histórico da humanidade, estabelecendo suas relações sociais em conjunto com o contexto social, agregado a cada época, desde o início de sua existência. O fato de o cristianismo ter se mostrado, em algumas etapas da história, intolerante e agressivo, deve-se, naturalmente ao fato de ter sido desviado de seu objetivo e convertido em uma ferramenta de dominação social. Vale ressaltar, entretanto, que em sua gênese, a construção de seus ensinamentos foi pautada nas necessidades humanas, com o objetivo de aproximar o homem de Deus, considerando a reestruturação da imagem e da dignidade do ser humano. O cristianismo é constituído sobre a valorização do ser humano. A história do cristianismo é também uma história social do ser humano, pois seus princípios se constituem sob parâmetros que estabelecem relações sociais de reciprocidade verdadeira que prioriza a dignidade do ser humano. Embora o cristianismo tenha uma missão fundamentada na esfera religiosa, sua interação social influencia no contexto das ações do ser humano, possibilitando um olhar voltado para o cuidado e construção da dignidade humana.

Se quisermos diferenciar com maior precisão o caráter do grupo, poderíamos designar as antigas comunidades crentes em Cristo como grupos de interesse, uma vez que os seus membros compartilham interesses e valores específicos, considerados por eles como típicos para o grupo e como fundamentais para a sua existência, sua capacidade funcional e seu crescimento.¹¹⁸

¹¹⁷ MOREIRA. 2008, p. 74.

¹¹⁸ STEGEMANN, 2004, p. 322.

Os primeiros cristãos estabeleceram, em seus primórdios, os princípios que norteariam suas relações como ser humano e como cristão. Seus interesses não estavam pautados em questões materiais ou capital financeiro, mas sim num princípio religioso bíblico que, considera o ser humano a imagem de Deus,¹¹⁹ tornando-o, embora miserável, digno de salvação e de uma vida irrepreensível, fundamentada nos valores que estabelecem um princípio de dignidade e igualdade que norteiam as relações sociais entre eles, a isso nos remete Josaphat, ao nos apresentar uma concepção clara dos princípios morais e ético do cristianismo, quando afirma que, “a ética ou a moral vem a ser uma orientação guiada pelo conhecimento do bem humano, tendo em mira todo o ser humano e todos os seres humanos, vistos na sua dignidade e na solidariedade que os fraterniza na igualdade”.¹²⁰

O cuidado com a dignidade e igualdade do ser humano estava constantemente inseridas em todo o contexto dos cristãos. Eles estabeleceram uma divisão de bens materiais visando equivaler os direitos de cada um, procuraram estabelecer um formato familiar e estruturá-lo de forma referencial.

A vinculação das exortações ética à terminologia da economia doméstica ou da família mostra que estamos tratando com algo como uma linguagem real-metafórica, isto é, deve-se presumir que as relações sociais dos crentes em Cristo, na sua realidade cotidiana, se orientassem pelas normas de solidariedade dos grupos familiares ou da economia doméstica.¹²¹

Para os primeiros cristãos, a preocupação fundamental não era ter mais ou menos poder aquisitivo, mas se todos estavam sendo acolhidos com dignidade pelo cristianismo, zelando pelos princípios e valores que o Cristo tinha estabelecido. Eles se relacionavam de forma a unir a todos sem intervir diretamente no sistema político e econômico. Criaram sua própria economia, pautada nas necessidades das famílias e dos mais necessitados.

2.2 Generosidade cristã e ética

Embora a história do cristianismo não tenha sido imaculada, seus princípios são de grande relevância para a nossa contemporaneidade. Ao refletirmos sobre o comportamento humano, percebemos que os interesses dos seres humanos estão firmados apenas nos momentos em que os mesmos podem obter, vinculados às suas necessidades e aos seus desejos, construindo um modo de vida imediatista conectado aos interesses individuais e

¹¹⁹ “Então disse Deus: façamos o homem à nossa imagem, em conforme a nossa semelhança” GÊNESIS, 1:26. BÍBLIA DE REFERÊNCIA THOMPSON. São Paulo: Vida, 2007. p.1.

¹²⁰ JOSAPHAT, 2010, p. 30.

¹²¹ STEGEMANN, 2004, p. 315.

blindada pelos desejos interiores. Porém, o que o cristianismo oferece em sua ética, é uma relação com o outro desvinculado dos interesses próprios, mas introduzida por um interesse coletivo, firmada sob a humanização e o cuidado para com o outro, uma generosidade fundamentada no interesse do bem estar e no respeito pelo outro, respeito pela vida e pelas necessidades básicas do ser humano, proteção aos mais fracos e defesa dos oprimidos. Não importava de onde fossem, se tinham ou não bens materiais, qual a nação ou povo pertenciam, o cristianismo os unia como uma família, criava laços equivalentes aos de uma família unida, a igreja os tornavam um só povo, e as regras e princípios morais estavam nos ensinamentos e valores que o próprio Cristo tinha ensinado, sendo o mesmo, modelo a ser seguido conforme aponta Preez ao afirmar que “Jesus é o modelo de comportamento moral para os cristãos”.¹²² “Em vista disso, a comunhão social Ekklesia possui, no contexto do sistema social de seu tempo e sua sociedade, traços de um grupo de parentesco fictício, seja no sentido estrito da família ou no sentido mais amplo da economia doméstica”.¹²³

A igreja se torna em um contexto muito restrito, um povo, uma nação, dentro de variados contextos culturais e sociais, tendo em vista que seus membros eram oriundos de variados povos de culturas diferentes. Mesmo assim, nenhum deles deixavam de ser cidadãos de seu país de origem. Ao contrário, ganhavam uma espécie de cidadania dupla com cristianismo.¹²⁴ Assim, o cristianismo conseguiu construir o princípio de igualdade. Existindo em uma época em que a escravidão era uma prática comum e “legalizada”, os crentes uniram pessoas livres e escravas sob um mesmo princípio de liberdade espiritual, na qual todos podiam ser livres.¹²⁵ Esse princípio foi estabelecido pela crença de que, para Deus, todos são iguais e merecem o mesmo tratamento, dessa forma os cristãos buscavam suprir as necessidades do seu irmão na fé, com o fim de promover a igualdade, como aponta o apóstolo Paulo, ao orientar os cristãos com o seguinte texto; “mas para igualdade. Neste tempo presente, a vossa abundância supra a falta dos outros, para que também a sua abundância supra a vossa falta, e haja igualdade”.¹²⁶ Embora alguns estejam submetidos a situações diferentes, tais situações foram estabelecidas pelo próprio ser humano.

¹²² REID, George W. *Compreendendo as escrituras: uma abordagem adventista*. São Paulo. UNASPRESS. 2007. P.289.

¹²³ STEGEMANN. 2004. P. 324.

¹²⁴ “Mas a nossa pátria está nos céus, de onde esperamos o Salvador, o Senhor Jesus Cristo”. FILIPENSES, 3:20. BÍBLIA DE REFERÊNCIA THOMPSON, 2007, p. 1069.

¹²⁵ “Foste chamado, sendo escravo? Não te preocupes com isso; se ainda pode ser livre, aproveita a ocasião. Pois o que é chamado pelo Senhor, sendo escravo, é liberto do Senhor; da mesma maneira, também o que chamado, sendo livre, escravo é de Cristo”. I CORINTIOS, 7:21. BÍBLIA DE REFERÊNCIA THOMPSON, 2007, p. 1039.

¹²⁶ 2 CORINTIOS, 8:14. BÍBLIA DE REFERÊNCIA THOMPSON, 2007, p. 1052.

Contudo, as diferenças entre a Ekklesia crente em Cristo e a assembleia popular política tem uma importância que não deve ser submetida. Nesta última, eram aceitas apenas certas pessoas – cidadãos livres de uma cidade, só os homens. Na Ekklesia crente em Cristo reuniam-se homens e mulheres, livres e escravos, membros de diversos povos.¹²⁷

A igreja de Cristo¹²⁸ constitui uma sociedade livre, tornando pessoas simples e humildes em líderes importantes para a comunidade.¹²⁹ O valor que eles não tinham na sociedade normal encontravam na comunidade cristã através da igreja. Mais importante ainda era a sua posição enquanto redimidos de uma vida humilhante e sem esperança, pois cada convertido servia de incentivo para outros. A bondade implantada nos princípios da igreja cristã era uma articulação poderosa para a estratégia da igreja, que a cada dia conseguia mais adeptos.

Mesmo os que tinham poder capital traziam com sua conversão uma generosidade capaz de fazê-los dividir seus bens e dinheiro com os mais pobres, não esperavam uma oportunidade para disponibilizar seus recursos, eles procuravam a igreja e disponibilizavam seus recursos.¹³⁰ Isso ocorria devido aos ensinamentos de Jesus, que constantemente argumentava em seus ensinamentos o cuidado e a assistência aos mais fracos e pobres. Tais ensinamentos se tornaram regra de fé para os seguidores e adeptos do cristianismo. Com certeza, Jesus deixou um legado extraordinário para a sua comunidade.

Precisamos refletir sobre a misericórdia defendida por Jesus, pois, como já mencionamos anteriormente, suas ações não eram apenas de pregar uma mensagem espiritual de salvação, mas também de intervir na realidade social humana, reconstruindo a imagem do ser humano, lhe devolvendo a dignidade e caráter, como aponta Wahite,¹³¹ Cristo busca se identificar com os pobres, a fim de lhes proporcionar esperanças e ajuda-los a constituir hábitos retos, e nobre caráter.

¹²⁷ STEGEMANN, 2004, p. 324.

¹²⁸ “A comunidade, nas Escrituras, que reconhece o Senhor Jesus Cristo, como Deus, Salvador e Supremo Legislador. Conjunto dos fiéis ligados pela mesma fé e sujeitos aos mesmos líderes espirituais”. (BOYER, Orlando. *Pequena enciclopédia bíblica*. São Paulo: Editora Vida. 2006, p. 334.)

¹²⁹ “Andando Jesus junto ao mar da Galileia, viu dois irmãos, Simão, chamado Pedro, e André, os quais lançavam as redes ao mar, pois eram pescadores. Disse lhes Jesus: vinde após mim, eu vos farei pescadores de homens”. MATEUS, 4:18. BÍBLIA DE REFERÊNCIA THOMPSON, 2007, p. 873.

“Pedro, porém, pondo-se em pé com os onze, levantou a voz, e disse-lhes; homens judeus, e todos os que habitais em Jerusalém seja vos isso notório; escutai as minhas palavras”. ATOS, 2:14. BÍBLIA DE REFERÊNCIA THOMPSON, 2007, p. 989.

¹³⁰ “não havia entre eles necessitado algum, pois todos os eu possuíam herdades ou casas, vendendo as, traziam o preço do que fora vendido, e depositavam aos pés dos apóstolos. E repartia-se a cada um, segundo a sua necessidade”. ATOS 4, 34. BÍBLIA DE REFERÊNCIA THOMPSON, 2007, p. 992.

¹³¹ WHITE, 2007, p. 19.

Cristo tomou uma posição que estava ao nível do pobre, a fim de que por Sua pobreza pudéssemos tornar-nos ricos em beleza de caráter, e ser, como Ele foi, um cheiro de vida para vida. Tornando-Se pobre pode simpatizar com o pobre. Sua humanidade pode tocar a humanidade deles e ajudá-los a alcançar a perfeição de hábitos retos e um nobre caráter.¹³²

Jesus, demonstrava em seus atos uma imensa misericórdia e bondade, ensinando também seus discípulos os valores da misericórdia, que mais tarde se tornaria um instrumento grandioso de conquista para a religião cristã. As pessoas ainda precisam de uma misericórdia e generosidade capaz de mudar suas vidas. Encontraremos nos ensinamentos de Jesus um formato e uma filosofia de vida social fundamentada em bondade e misericórdia para com os outros.

O Senhor Jesus disse: “Bem-aventurados os misericordiosos, porque eles alcançarão misericórdia.” Nunca houve tempo em que fosse maior a necessidade do exercício da misericórdia do que hoje. Ao redor de todos nos estão os pobres, os sofredores, os aflitos, os tristes, os que estão prestes a perecer.¹³³

As práticas humanas precisam ser pautadas numa misericórdia voltada para o outro, possibilitando um olhar mais generoso e bondoso com a vida humana. Nossas ações não podem deixar de lado as necessidades dos outros, não importa qual posição ocupamos, nossas atitudes precisam estar firmadas em uma moralidade ética que construa uma consciência capaz de repelir as ações imorais. Alguns buscam construir uma vida de moralidade nas bases da racionalidade e da lógica, porém se tornam frias e fazem tais ações de forma mecânica e técnica por achar que é racional e lógico, mas esbarram em várias noções de generosidade e bondade, que são revestidas de variadas camadas. Dentre elas, está o altruísmo, que, muitas vezes, é repelido pelos desejos egoístas do ser humano, que não é capaz de se doar ou de conceder um pouco de si em prol do bem estar do próximo.

Nos encontramos em uma época onde as pessoas, precisam buscar urgentemente mudanças que priorizem o ser humano acima de interesses econômicos. Para Sung, as mudanças são possíveis mediante a um processo de “indignação ética”.¹³⁴ Não existe sistema ou leis que possibilite o ser humano mudar de fato sua consciência, somente através de um desejo de construir uma realidade humana, capaz de prezar por uma igualdade possível de resgatar o ser humano de seu estado subumano. Ao refletir sobre as condições precárias em que muitas pessoas se encontram, Sung afirma que, “muitas pessoas não se indignam frente

¹³² WHITE, 2007, p. 19.

¹³³ WHITE, 2007.

¹³⁴ SUNG, Jung Mo. *Sujeito e sociedade complexas para repensar os horizontes utópicos*. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 48.

estas situações porque elas não conseguem “ver” e reconhecer a humanidade destas pessoas”.¹³⁵

2.3 Ética, princípios e valores do cristianismo

Constituir uma sociedade melhor, para o cristianismo, significa ter esperanças e entender que todos são dignos de serem amparados com igualdade e fraternidade, reconhecendo seus direitos sociais, tratando a todos com amor.

“Amai-vos cordialmente uns aos outros com amor fraternal, preferindo-vos em honra uns aos outros.” Romanos 12:10. “Não tornando mal por mal ou injúria por injúria; antes, pelo contrario, bendizendo, sabendo que para isto fostes chamados, para que, por herança, alcancéis a bênção.” 1 Pedro 3:9. O Senhor Jesus exige que reconheçamos os direitos de cada pessoa. Devem ser tomados em consideração seus direitos sociais e seus direitos como cristão. Todos devem ser tratados com amabilidade e delicadeza, como filhos e filhas de Deus.¹³⁶

Os princípios que fortaleceram a religião cristã não estão somente em doutrinas bíblicas ou leis, mas numa realidade social mais profunda do que muitas regras, a saber a “salvação do ser humano”. Para o cristianismo, a referida “salvação” não se refere a algo metafísico, mas a uma realidade concreta e possível. Porém, ao analisarmos mais de perto a realidade em que estava inserido o próprio Cristo, perceberemos que sua maior missão não foi apenas resgatar o ser humano espiritual, mas redimir o caráter social e ético da humanidade, pois quando Jesus é consultado sobre a vida eterna, ele deixa claro que primeiro é preciso cuidar das seguintes regras, “não matarás, não cometerás adultério, não furtarás, não dirás falso testemunho, honra teu pai e tua mãe, e amarás o teu próximo como a ti mesmo”.¹³⁷ Todas, estão ligadas as relações sociais humanas, vinculadas a ética e a moralidade.

Seus valores não estavam firmados apenas no interesse espiritual, pois se assim fosse não teria sentido sua intervenção social. O próprio Cristo afirmou que uma das maiores leis estabelecida pelo próprio Deus era “amar ao próximo com a ti mesmo”. Esse amor não estava reservado apenas para a vida espiritual. Ele estava se referindo ao contexto social, pois suas ações confirmam sua dedicação em estabelecer a igualdade, resgatando a dignidade do ser humano, Jesus devolvia as pessoas seu lugar na sociedade, como podemos ver no caso da lepra, doença cancerígena que a sociedade reagia com preconceito aos atingidos, excluindo-os do rol social, porem Jesus restituía a dignidades dessas pessoas através da cura, pela qual as mesmas poderiam retornar a se inserir na sociedade, como vemos em Lucas 17, “entrando em

¹³⁵ SUNG, 2002, p. 48.

¹³⁶ WHITW, Ellen G. *A ciência do bom viver*. São Paulo: Casa publicadora Brasileira. 2013. p. 359.

¹³⁷ MATEUS, 19:18-19 . BÍBLIA DE REFERÊNCIA THOMPSON, 2007, p. 891.

certa aldeia, saíram-lhe ao encontro dez leprosos, os quais pararam de longe, e clamaram: Jesus, Mestre, tem misericórdia de nós. Jesus, vendo-os, disse-lhes: Ide, e mostrai-vos aos sacerdotes. Indo eles ficaram limpos”.¹³⁸

Cristo vivia em favor de defesa dos menos favorecidos, convivia constantemente com a classe considerada mais pobre e sofredora, os aflitos encontravam, em Cristo, uma motivação para viver, pois Ele os acolhia com mensagens de paz e os convidava a irem até ele, como afirma White.

Sua vida foi de constante abnegação. Não possuía lar neste mundo, a não ser o que a bondade dos amigos Lhe preparava como peregrino. Ele veio viver em nosso favor a vida do mais pobre, e andar e trabalhar entre os necessitados e sofredores. Entrava e saía, não reconhecido nem honrado, diante do povo por quem tanto fizera. Era sempre paciente e bem-disposto, e os aflitos O saudavam como a um mensageiro de vida e paz. Via as necessidades de homens e mulheres, crianças e jovens, e a todos dirigia o convite: “Vinde a Mim.”¹³⁹

A mensagem do Cristo construiu nas pessoas de sua época um otimismo para viver, tornando-as esperançosas a partir de suas ações, milagres e curas, e de seu discurso a favor do reino, como relata o Evangelho de Mateus, Marcos e Lucas. Elas conseguiram enxergar um mundo diferente do que viam todos os dias, as especulações, a humilhação, corrupção, imoralidades e desigualdades eram derrubadas pela esperança de um mundo melhor onde todos seriam livres da opressão, pois os desprezados eram recebidos e acolhidos por Jesus, de forma amorosa e sem preconceitos.¹⁴⁰

Em se tratando da esfera social, o mundo não era muito diferente do que temos hoje. As constantes inflamações políticas causavam a guerra, a corrupção era constante entre as pessoas, as desigualdades sociais assolavam o povo, humilhação e imoralidade estavam constantemente nas práticas sociais, os preconceitos para com os pobres, enfermos e mulheres se desdobravam em regras sociais absurdas, para as quais o privilegio ascendia algumas classes consideradas de maior poder aquisitivo, posição social e religiosa, privilegiadas como sempre pelo ego do ser humano, em estabelecer valores que rotulam as pessoas, como se fossem apenas valorizadas pela posição ou bens materiais, retirando a essência da dignidade da vida humana, descartando o outro com objeto.

Assim o cristianismo surge com uma proposta que estabelece princípios e valores que mudaram o comportamento social de muitas comunidades e grupos, através do

¹³⁸ LUCAS, 17:12-14. BÍBLIA DE REFERÊNCIA THOMPSON, 2007, p. 950.

¹³⁹ WHITE. 2007. p, 11.

¹⁴⁰ “Disse lhe: em verdade vos digo que os cobradores de impostos e as meretrizes entram diante de vós no reino de Deus”. (MATEUS, 21:31. BÍBLIA DE REFERÊNCIA THOMPSON, 2007, p. 893.)

fundamento da igualdade da dignidade do ser humano, como um ser criado a imagem do próprio Deus.

Deus concede ao ser humano uma posição para que o mesmo cumpra seu objetivo de ser responsável por cuidar de toda criação, conforme aponta Brakemeier, “a obra culminante de tudo que Deus fez”.¹⁴¹ Acima das demais criaturas de Deus, o ser humano tem o dever de administrar o ambiente que Deus criou, com a responsabilidade e autoridade concebida pelo próprio Deus, como aponta Brakemier ao afirmar que, “muito mais significativa é a incumbência que recebe para dominar sobre toda a terra, conferindo-lhe participação numa autoridade peculiar do próprio Deus”.¹⁴² Partindo do princípio de que todos são iguais perante Deus, a ética cristã prioriza a manutenção da convivência em comunidade, estabelece sua ética, através das relações sociais, construindo uma comunidade capaz de aceitar as diferenças e aprendendo a conviver juntos, conforme aponta May:

Como dizíamos no início, a ética preocupa-se com a comunidade, com a conduta que melhor contribua para a construção responsável da convivência humana. No fundo, a dimensão comunitária é a preocupação central da ética cristã e, sem dúvida alguma, a questão mais urgente dos nossos tempos: como viver juntos.¹⁴³

O zelo pela vida comunitária tornou possível aos cristãos, estabelecerem princípios de igualdade e generosidade. Os princípios de vida social cristão possibilitou, combater entre eles os comportamentos imorais, que eram compreendidos através da concepção de êxodo 20.¹⁴⁴ Pois “a moral está bem no coração da bíblia, como palavra que dá sentido aos comportamentos, aos acontecimentos, às instituições e energia que visa transformar as pessoas, as famílias, as autoridades e toda a sociedade.”¹⁴⁵

Um dos maiores parâmetros da moralidade bíblica se encontra na instituição do decálogo, onde o próprio Deus institui leis que servem até hoje como norma social, como o exemplo de “não matarás, não adulterarás, não furtarás, não dirás falso testemunho contra o teu próximo”,¹⁴⁶ tais normatizações, serviram para estabelecer, uma ética capaz de instituir parâmetros que viabilizou a organização da sociedade cristã, construindo uma realidade capaz de combater a corrupção, egoísmo e individualismo, tornando possível agregar valores sociais, que possibilitaram existir um formato de sociedade mais justa, onde o outro é prioridade dentro da convivência e das práticas sociais, acima de interesses materiais.

¹⁴¹ BRAKEMEIER, 2002, p. 18.

¹⁴² BRAKEMEIER, 2002, p. 18.

¹⁴³ MAY, 2008, p. 21.

¹⁴⁴ ÊXODO, 19-20. BÍBLIA DE REFERÊNCIA THOMPSON, 2007, p. 67-68.

¹⁴⁵ JOSAPHAT, 2010, p. 61.

¹⁴⁶ ÊXODO20, 13-16. BÍBLIA DE REFERÊNCIA THOMPSON, 2007, p. 68.

Aponta Preez que, “para explorar e compreender os temas morais da bíblia, o interprete deve empenhar se em varias operações críticas sobrepostas e integradas. Estes empreendimentos podem ser identificados por meio de um exame da vida e ensinamentos de Jesus”¹⁴⁷.

Os cristãos, vivenciavam uma desigualdade extrema, sua dedicação aos pobres¹⁴⁸, também era uma observação fundamentada nos ensinamentos bíblicos, suas práticas sociais de amparo aos mais fracos foi muito enfatizado pelos ensinamentos do próprio Cristo, que eram compartilhados por aqueles que conviveram com Jesus, ou com os que aprenderam com os que conviveram com Jesus, depois através dos textos fornecidos, pelos os mesmos para instrução das comunidades cristãs.

Pensar que os adeptos aos ensinamentos cristãos foram as pessoas mais pobres e simples é impreciso, pois o pensamento ético de que as pessoas não são impedidas de terem posses materiais e poder aquisitivo ficou evidente entre os cristãos. Porém, os bens materiais não podiam ser superiores às pessoas. O ser humano era a maior prioridade, o bem estar do outro era considerado principio básico da sociedade cristã, a manutenção constante das necessidades dos pobres, que eram feitas através dos que tinham posses e poder aquisitivo. Talvez esse fosse o maior legado do cristianismo para nós hoje: construir uma consciência de que o outro, seja para nós a prioridade nas nossas relações sociais estabelecendo, assim, uma ética e uma moralidade que possa nortear nossas ações e práticas, afinal tudo que construímos, só será real mediante o outro. Uma consciência ética solidaria, pode ser concretizada, como afirma Josaphat, “à luz de uma reflexão bem conduzida e em um processo de formação progressivo e pedagógico, a consciência desabrocha em uma perspectiva integradora de amor ao bem, responsabilidade e de solidariedade”¹⁴⁹.

Conviver com os outros é nosso desafio diário, tolerar as diferenças e compreendê-las se torna fundamental para termos uma sociedade tolerante que valorize o ser humano, priorizando suas relações com os outros, defendendo a manutenção com convívio social como princípio primeiro para uma relação saudável. Embora não sejamos obrigados a compartilhar com os outros de suas práticas, só poderemos dialogar se nos posicionarmos em defesa pelo respeito à vida do ser humano, as criticas são instrumentos cabíveis mas, na prática, as ações fazem mais efeito, e o que Cristo fez foi basicamente isso, não se concentrou somente em

¹⁴⁷ DU PREEZ, Ron. Interpretando e aplicando a ética bíblica, In: REID, George W. (Eds.). *Compreendendo as escrituras: uma abordagem adventista*. Engenheiro Coelho: Unaspress, 2007. p. 286.

¹⁴⁸ “Pois nunca cessara o pobre do meio da Terra; pelo que te ordeno, dizendo: Livrementemente abrisas a tua mão para o teu irmão, para o teu necessitado, e para o teu pobre na tua terra”. (Deuteronômio 15:11).

¹⁴⁹ JOSAPHAT, 2010, p. 31.

criticar os pobres, os corruptos, os políticos e opressores, tratou a todos como dignos de amor e respeito. Ele foi ao encontro de cada um, demonstrando compreensão e amor, que se torna a base da uma relação de reconstrução da dignidade do ser humano, tendo o próprio Cristo como inspiração e exemplo, como expressa Josaphat.

Em todo ser humano, ao lado do amor de benevolência, há o amor desejo, encerrando algo de interesse próprio. Iluminado pela fé, suscitado pela graça, motivado pelas promessas divinas, esse amor desejo será a base, o elemento psicológico assumido e sublimado pela virtude teológica da esperança. Ela será distinta da caridade pelo seu objeto, pela sua estrutura, pela sua relação ao amor desejo, retificado, confirmado, elevado em Cristo.¹⁵⁰

O amor e a esperança que Cristo transmitia, construiu uma relação social inimaginável para sua época, suas ações de cuidado para com o próximo, marcou o princípio de sua ética, pois apenas seus discursos não seriam o suficiente, precisavam que suas ações demonstrassem suas verdadeiras intenções, que eram de resgatar a dignidade humana e demonstrar que o bem mais precioso existente neste mundo não é o ouro, o poder ou qualquer outro recurso natural, mas sendo o ser humano um ser racional criado a imagem de Deus, se torna o mais precioso e valioso dentre tudo que existe neste mundo, sua dignidade e caráter precisam ser entendidos como os mais preciosos tesouros da humanidade. Assim o cuidado de zelar pela dignidade das pessoas mais pobre e menos favorecidas, é um princípio da religião cristã, que Josaphat aponta como uma característica do ser humano ao afirmar que “a religião emerge assim qual forma eminente de compreensão do humano, de valorização de si e do outro, de promoção da autonomia pessoal e da abertura ao social, à inserção criativa na família e na sociedade”.¹⁵¹

A religião cristã fundamentou sua ética e prática na valorização do ser humano, construindo numa moral prática, na qual o indivíduo recebia da comunidade uma assistência real, firmada não apenas no emocional, mas também racional, pois além de oferecer o resgate social, através do cuidado físico, alimento, roupas e inclusão, o cristianismo oferecia suporte emocional. Apenas esperança e palavras de animo não eram suficientes para torna uma pessoa melhor, a mesma precisava experimentar, de fato, uma mudança real em sua vida. Sendo assim, a ética cristã não poderia se apresentar somente com um discurso vazio que ora desapareceria nas palavras de alguns sermões. Por isso tanto a ética convencional filosófica quanto a ética cristã precisam estar munidas de racionalidade:

¹⁵⁰ JOSAPHAT, 2010, p. 209.

¹⁵¹ JOSAPHAT, 2010, p. 28.

quais são os elementos formais da ética? Ou seja, em termos formais, em que consiste a moralidade? “Formal” refere-se aos elementos constitutivos, estruturantes, sem indicar conteúdos ou detalhes específicos. De um modo geral, tanto a ética filosófica como a teológica fundamentam-se principalmente na razão ou racionalidade.¹⁵²

Uma das características importante da ética cristã é a fundamentação racional de suas ações. Tanto na esfera religiosa como no contexto social, as ações do cristianismo se apresentam fortemente com uma posição racional de agir que se torna imperativo a existência de uma ética e uma moralidade bastante solida e real, que possa se aplicar as diversas realidades dos que compõe a comunidade cristã. Porém, no mesmo sentido de fundamentar uma ética tangível, se faz necessário também fundamentar uma consciência mais sensível às diversas realidades que cercam o contexto da vida das pessoas, para tanto, somente após perceber que o verdadeiro cuidado com os outros só existirá através de uma moralidade¹⁵³ que possa juntar as ideias com as emoções, como a empatia.

Parece muitas vezes que o pensamento humano se encontra numa encruzilhada de realidades por muitas teoricamente entendida. Porém, na prática, se desvia de seu eixo teórico, pois o ser humano sempre foi imprevisível e instável. Podemos perceber tal contexto nos discursos constantemente levantados em favor dos direitos e dignidade humana e nas afirmações pelo cuidado e preservação ambiental, situações que o cristianismo já combatia através de sua ética e moralidade, aplicada sobre a ideia de que tanto o planeta como o ser humano foi criado sobre a imagem de um ser superior e perfeito, como afirma Brakemeier que, o ser humano, “como imagem de Deus, tem a atribuição de administrar a criação, e até de tornar-se ele mesmo criativo e de construir seu habitat na terra”.¹⁵⁴ Dessa forma, todos têm a reponsabilidade de cuidar e zelar tanto do planeta como também do semelhante, visando proporcionar um ambiente de convivência ética, com igualdade e respeito.

O fato é que o ser humano não tem condições de se espelhar em si mesmo, precisa de impulso maior para se encontrar e entender sua verdadeira situação, pois foi assim que o cristianismo conseguiu estabelecer uma comunidade tão forte, sobre a bandeira de que a condição humana é pequena e incapaz de continuar sua existência nas condições que estavam vivendo, somente conscientizando para construção de um respeito supremo pela vida e dignidade humana poderão as pessoas colocar a vida humana no topo da pirâmide de prioridades.

¹⁵² MAY, 2008, p. 71.

¹⁵³ A sensibilidade é parte integrante da vida moral. A moralidade emerge quando se conectam as ideias e as emoções como a empatia. (MAY, 2008, p. 72)

¹⁵⁴ BRAKEMIER, 2002, p. 18.

2.4 Práticas cristãs na sociedade contemporânea

As mudanças que a sociedade almejam alcançar deverão acontecer mediante às práticas que iremos desenvolver em todas as nossas relações sociais, isso significa que cada pessoa precisa pensar melhor em todas as ações e atitudes que irão apresentar em suas interações sociais. Como o cristianismo pode colaborar e contribuir para que tenhamos práticas saudáveis nas relações sociais é uma questão pouco discutida na atualidade, até porque temos em nossa esfera de religiões o cristianismo como a mais predominante, ficando evidente que uma denominação religiosa tão forte, dever ter em seu bojo de práticas, muitos ensinamentos que podem contribuir para a construção de uma relação social, ética, moral, mais igualitária e humana.

Dentro de sua política social, o cristianismo, como já foi mencionado anteriormente, tem em seus princípios, o cuidado com o outro, colocando pelos mais supridos suas posses à disposição dos mais humildes e mais carentes, possibilitando a todos os seres humanos terem os mesmos direitos básicos de sobrevivência como: alimentação, moradia, roupas e o mais importante o direito de ser tratado com igualdade. Assim, dentre muitas práticas cristãs, deveríamos aprimorar a prática da generosidade e da afetividade, construindo um sentimento humano de ajuda a outro e de resgate da dignidade humana, no qual os mais fortes estendem as mãos para os mais fracos, possibilitando a todos os mesmos direitos.

Os que são detentores de mais recursos e posses podem, através de seus recursos, servir os que se encontram em situação desfavorável para a sobrevivência com dignidade. O ser humano precisar ativar seu interesse em ajudar os desfavorecidos¹⁵⁵ de sua sociedade. Tendo Deus como fonte maior de inspiração, o cristão busca estabelecer em sua proposta de vida, um formato de interação social que possibilite a ele, de forma indireta e direta, uma intervenção social sem nenhum tipo de escolha ou prioridade por pessoas, pois como nos afirma Lutero, que o cristão quando desenvolve atos que caracterizam bondade, misericórdia e principalmente fé, construindo um exemplo ético cristão, “ele faz alegre e livremente, não para juntar muitos bons méritos e boas obras, mas por ser para ele um prazer agradar a Deus dessa maneira”.¹⁵⁶

¹⁵⁵ “Os que se entregam a sua avareza e egoísmo, são responsáveis por seus atos mesquinhos, e responsáveis também pelos talentos dos quais abusam. Mais responsáveis, porém, são os que têm impulsos generosos, e são naturalmente ligeiros em discernir coisas espirituais, se permanecerem inativos, aguardando uma oportunidade que supõem não haver chegado, e ao mesmo tempo comparando sua disposição de agir, com a disposição do mesquinho, e refletindo que seu estado é mais favorável do que o de seus semelhantes de alma mesquinha. Esses se enganam a si mesmos.” (Serviço Cristão. 2007)

¹⁵⁶ LUTERO, Martin. Ética Cristã. São Leopoldo. Sinodal. 1999.

A conduta da vida de uma pessoa praticante da filosofia e da fé cristã, a torna um indivíduo especificamente preparado para desenvolver um senso ético moral de convívio social, pois é parte integrante de sua fé. Tal entendimento parte do pressuposto que já afirmamos anteriormente, de que a prioridade pela dignidade do indivíduo como ser humano, pelo fato do mesmo ser a imagem de seu criador, a saber Deus, por isso a sua principal fonte geradora de princípios e valores, além das tradições das comunidades de fé, é o próprio Deus. Assim nos lembra May que, “como cristãs e cristãos encontram a fonte principal dos valores em Deus, nas Escrituras e nas tradições das comunidades de fé”.¹⁵⁷ Sendo a fé um instrumento pessoal, as pessoas passam a lidar com um sentimento interno, que poderá se tornar uma ferramenta muito eficaz contra as situações imorais que estão impregnadas na sociedade. Falamos de construir um consciência ética que priorize o ser humano acima de qualquer outra realidade, o cristianismo, através do entrelaçamento que a fé “conseguiu” constituir em sua comunidade, parâmetros eficazes de pensamento que possibilitou às pessoas, o entendimento da importância do outro em sua particularidade e na vida social, isso nos remete à importância do processo histórico da fé cristã e sua teologia, para nortear princípios éticos de valores que poderão corroborar com construção de uma filosofia e uma crença de vida pautadas na valorização e priorização da existência do ser humano. Assim, percebemos a papel importante que a igreja exerce na sociedade, seus valores e princípios eclesiais podem contribuir para construção de uma comunidade eticamente mais capaz de discutir as realidades sociais de forma mais humanas, através de uma teologia cristã.

Isso mostra a importância do trabalho teológico e histórico para compreender em que sentido Deus é fonte de valores, como as Escrituras manifestam e lidam com valores e de que maneira a tradição eclesial tem entendido e ensinado os valores, tudo em função da construção de valores válidos e úteis diante das realidades de hoje.¹⁵⁸

Evidentemente que todo o processo de estruturação social requer também uma intervenção educacional. Podemos perceber isso também na modalidade de vida proposta pelo cristianismo, em que as pessoas passam a ser reeducadas e inseridas na comunidade. Esse processo não acontece como numa escola normal, com aulas todos os dias e assuntos escritos em livros didáticos, mas acontece de forma paulatina, o que também pode ser muito útil, pois todo processo social, só pode ser modificado por sequências de etapas, tais etapas implicam em mudanças muitas vezes radicais, que precisam ser administradas aos poucos, e assim ocorre no sistema do cristianismo, quando uma pessoa aceita a filosofia e crença cristã, ela se

¹⁵⁷ MAY, 2008, p. 82.

¹⁵⁸ MAY, 2008, p. 82.

adequa em conformidade com as novas realidades por ela percebida, que anteriormente não a atingia. Agora ela se sente responsável pelo outro e constrói um ideal de vida que irá trabalhar também em prol dos seus semelhantes, pois ela entende ser uma vontade participante de sua nova natureza, como ser humano a serviço de Deus, que tem como ideal, desinteressadamente trabalhar em benefícios de outras pessoas.

Aquele que se esforça por obter conhecimento para poder trabalhar em prol dos ignorantes e dos que se acham a perecer, está desempenhando sua parte no cumprimento do grande desígnio de Deus para com a humanidade. No serviço desinteressado em benefício dos outros, está ele satisfazendo o elevado ideal da educação cristã.¹⁵⁹

Percebe-se que uma estrutura de reformulação das atitudes foi criada pela comunidade cristã para atender suas práticas e princípios éticos de percepção do outro na esfera social. Isso é muito significativo, pois implica em mudanças, primeiro no próprio indivíduo e, segundo, no meio onde o mesmo interage. Talvez seja um caminho que possa contribuir para uma mudança moralmente instituída de valores que o indivíduo aplica primeiro para si e depois traz para os outros, através de suas ações sociais, possibilitando uma nova forma de interagir com o outro. Esse princípio se aplica a todos os aspectos da vida de uma pessoa que constrói suas relações sociais com fundamentação nos princípios de vida cristã, atingindo também a esfera dos bens materiais, pois era uma característica primordial para os valores da comunidade cristã que a pessoa fosse desapegada aos bens materiais, claro que não era proibido ter riquezas ou patrimônio, mas o princípio era de que tudo foi concebido com a autorização de Deus, e, portanto, os bens materiais deveriam também serem disponibilizados para auxiliar a outros.

A busca por instrumentos que possibilitem igualdade para todas as pessoas em nossa contemporaneidade é louvável, porém, a discussão se fundamenta em teorias sociais que permeiam todos os tipos de especulações, são diversos fatores que permeiam os problemas sociais, mas precisamos admitir que os problemas sociais só existem porque o ser humano existe, depois porque interagem entre si em suas relações sociais, todo o restante são influências que atingem seu formato racional de entender a vida social, talvez seja um ponto crucial combater não somente as ações imorais das pessoas mas combater os princípios que sustentam tais ações. Evidentemente que o ser humano prioriza e cria objetivos individualistas que procura alcançar, mesmo que tenha que romper com princípios e valores éticos e morais

¹⁵⁹ WHITE, 2007.

já estabelecidos, traindo a si mesmo. White¹⁶⁰ afirma que “é a infidelidade de homens que gera o estado de sofrimento em que esta mergulhada a humanidade”, talvez se refira à vida espiritual, entretanto, tal pensamento se aplica muito bem à vida social e suas realidades, pois o ser humano é infiel a ele mesmo, colocando objetivos e metas materialistas¹⁶¹ em primeiro lugar, quando deveriam ser ideais secundários, encabeçados pelos respeito e a valorização do caráter e a dignidade do ser humano frente ao seu semelhante, construindo critérios de vivencia social que possibilite uma avaliação positiva frente a qualidade de vida para si e para os demais.

Ao longo dos processos históricos, das interações com a natureza e seus semelhantes, os seres humanos estabeleceram valores que fundamentam, orientam e justificam sua conduta e autopercepção. São os critérios para seus juízos avaliativos referentes à qualidade de vida para si mesmo e para os demais¹⁶².

Ao estabelecer valores e princípios baseados na experiência e interação com o meio em que vive, o ser humano constrói uma conduta que irá distinguir valores e juízo frente às diversas realidades por ele encontradas, principalmente as realidades oriundas de interação com o outro mediante a esfera social, o problema é que se torna cada vez mais flexível a conduta das pessoas na contemporaneidade, elas procuram acompanhar tendências sociais apresentadas por diversas realidades que não são as suas, mas de outras culturas e povos diferentes, devido à acessibilidade quase instantânea de informações e de práticas de outras pessoas que estão inseridas em outras realidades. Tal implicação produz instabilidade na estrutura moral e ética das pessoas, pois produz instabilidade no senso de juízo e valores já definidos e estáveis, possibilitando uma mudança constante nas práticas do individuo. Talvez, por não haver um formato cultural estabelecido, as pessoas não se encontram estabilizadas o suficiente para construir um pensamento sólido, sobre uma conduta que oriente seus princípios e valores, capaz de guiá-las para decisões e práticas, eticamente mais seguras e estáveis. Assim, se percebe que um parâmetro fixo de conduta pode contribuir melhor para a construção de critérios mais sólidos, capazes de estabelecer um juízo avaliativo mais ético e morais, frente à sociedade e o semelhante.

As regras sociais, como já evidenciamos, são flexíveis e constantemente mudadas para se adequar a uma nova realidade ou necessidade que as pessoas de determinado grupo social possam ter, por isso é pouco provável que a sociedade contemporânea possa obter das

¹⁶⁰ WHITE. 2007.

¹⁶¹ Deus fez dos homens Seus mordomos, e não deve ser feito responsável pelos sofrimentos, miséria, desamparo e necessidades da humanidade. WHITE, 2007. (Beneficência Social)

¹⁶² MAY, 2008, p. 77.

próprias demandas sociais fundamentos que possam contribuir para uma construção mais eficaz de parâmetros éticos que venham mudar radicalmente algumas realidades sociais, pois o ser humano, quando condicionado e alienado a alguns realidades, não consegue por ele mesmo, extrair soluções. Se precisa alcançar outras diversidades sociais, que se apresente além da obrigação social comum. Talvez, a filosofia social cristã, possa contribuir para criar alguns princípios éticos e morais, que possam estabelecer uma conduta e um senso de juízo mais solido e menos mutável, tornando as relações sociais mais estáveis e confiáveis.

A preocupação com a realidade social do semelhante é um principio estabelecido nas regras sociais cristãs, assim, seria um dos passos a serem seguidos pelas demais comunidades, elevando seu apreço pelo outro, contribuindo para com a mudança de vida, e se aproximando mais dos mais necessitados e desamparados existentes em sua comunidade. Ao falar do papel social do cristão, White¹⁶³ afirma que “o ser humano “deve cultivar a bondade e compaixão de Cristo, e não deve o mesmo distanciar-se dos tristes, dos aflitos, dos necessitados e angustiados”, fica evidente ser tais ideais uma formatação na conduta e nos princípios éticos e morais dos que aderem à filosofia de vida cristã, tal pensamento é muito significativo para a realidade social que evidenciamos na atua contemporaneidade.

2.5 Ética e cultura cristã

A cultura cristã não se constitui independente da sociedade, pois todos os que participam e partilham da filosofia e da crença cristã são também participantes do sistema social, pois a cultura e a prática social cristã são construídas sobre o amparo da igreja que, por sua vez, proporciona um espaço mais adequado para que as pessoas possam expressar de forma mais aberta sua vida religiosa. A igreja se torna um símbolo de extraordinário poder para a interação entre a fé e vida social, pois a mesma incentiva os membros colocarem em prática a filosofia de vida humanista cristã na sociedade, externalizando sua cultura, princípios e valores, como nos afirma May que “a Igreja(cristã) contribui para a criação de valores mediante sua própria vida interior. Converte-se numa “prática social” com implicações que vão além de sua própria instituição¹⁶⁴”. Dessa forma o cristianismo, contribui com sua cultura, de forma significativa, através de sua ideologia e filosofia de vida correta. Esta ensinada na igreja, produzindo uma forma de educação ética e moral, capaz de constituir

¹⁶³ WHITE, 2007, p. xx.

¹⁶⁴ MAY, 2008, p. 84.

uma cultura interna que poderá proporcionar às pessoas não participantes da filosofia social cristã, uma influência através de ações, pensamentos e práticas cristãs, conquistando interessados pelo referido estilo de vida, possibilitando que uma cultura da minoria possa influenciar a cultura da maioria através das relações sociais e das práticas que ligam a ambas.

Mesmo o ser humano vivendo numa época de explosão da tecnologia e das novas tendências pós-modernas, não se pode esquecer que todas as tendências e influências que atingem e modificam constantemente a cultura e as práticas sociais do ser humano em suas esferas culturais de povos e nações diferentes não são oriundas de um outro mundo, a não ser o próprio mundo humano. Ou seja, somente o próprio ser humano tem o poder de manifestar mudanças e criar novos parâmetros de convivência social para si mesmo. Mediante às constantes e, muitas vezes, radicais mudanças sociais, que se tornam cada vez mais flexíveis e tolerantes, pois as necessidades das pessoas, estão sendo mais consideradas como um direito inato, sem poder ser contestado, tornando muitas vezes assuntos sociais, culturais e religiosos em conflitos, desviando o diálogo principal, pela defesa da ética e da moralidade social, desconstruindo valores e princípios estabelecidos pelo senso e pensamento humano de moralidade e dignidade. Assim, o estabelecimento de valores como amor, justiça, honestidade, generosidade, fraternidade, misericórdia e principalmente a liberdade, são constantemente distorcidos em prol de uma ansiedade para atender diversas necessidades humanas que não são reais, fúteis e superficiais, estabelecidas em prol de uma luta constituída por diversos setores da sociedade, estabelecidos nas mais diversas esferas como a política, a empresarial, econômica e a social, vinculada a diversos grupos de interesses, culturas e práticas sócias diferenciadas.

Os que partilham da fé e da filosofia e estilo de vida cristão, não são melhores ou detentores dos valores humanos, tão pouco é o cristianismo o criador de valores como os já citados a cima, porem seus objetivos agregam um principio que prioriza o cuidado com os valores vinculados à dignidade do ser humano, o cristianismo vivifica tais valores, solidifica e compartilha os valores e princípios, tornando-se uma realidade mais constante na convivência e na prática social. Não é o cristão o inventor do amor ou da generosidade, mas o mesmo é defensor e ideologicamente o praticante de tais valores, o mesmo não tem o cristianismo como o inventor da honestidade ou da misericórdia, pois são valores de propriedade de todo o ser humano independente de crença ou quaisquer outra cultura, mas o cristianismo estabelece em suas bases os valores fundamentais do ser humano, como forma de cuidar pelo caráter e

dignidade da pessoa humana. May¹⁶⁵ nos remete que os valores pelos quais os cristãos se empenham, não são exclusividades dos mesmos, ao contrário, são valores que são seguidos e praticados por muitos, porém os mesmos convergem com a postura cristã. Ao se tratar de fato dos princípios e objetivos sociais do cristianismo pode-se perceber que é prioritário, um cuidado e um zelo muito forte com o semelhante, priorizando de forma muito forte os valores que sustentam a ética e moralidade do ser humano, o colocando com prioridade máxima.

O ser humano tem em seus princípios básicos sociais, a proteção pela integridade física e moral, assim se coloca numa postura de defesa moral, sendo na maioria de interesse particular, sendo uma forma individual de se proteger, talvez seja uma forma “egoísta”, porém está impressa na personalidade humana, então cada pessoa procura por princípios e valores que a proteja dos outros, tornando sua relação social sistemática e muitas vezes formal, porém vinculada às realidades do cotidiano social.

Cada valor estabelecido, por cada pessoa em prol do bem estar social está vinculado com as necessidades das outras pessoas. Isso implica em julgamento pessoal, no qual existe valores maiores e menores, tornando alguns valores humanos primários, como o respeito pela vida e pela integridade humana, devido a alguns interesses secundários, colocados acima dos fundamentais. Ao ver pessoas em situação de fome, miséria, pobreza, humilhação e degradação, em situação de sobrevivência degradante, paralelo a outras pessoas abastadas com uma quantia exagerada de bens, capital e conforto, gerando um espírito de superioridade, enquanto os outros se sentem humilhados por não terem condições de terem uma vida no mínimo digna o suficiente para um ser humano. Isso é visto por muitos como luta de classes, má distribuição da riqueza ou desigualdade social, mas, além disso, a filosofia de vida cristã vê tais situações como uma distorção da dignidade e da imagem do ser humano, fazendo de suas bases uma ideologia produtora da igualdade humana, enquanto seres iguais em imagem e semelhança, ou seja todos tem a mesma origem, as mesmas necessidades, assim nenhum interesse material e individual pode vir primeiro, pois para o cristianismo o semelhante deve ocupar um lugar superior aos interesses materiais, claro que o respeito ao semelhante não podem impedir os projetos individuais de cada pessoa, sejam profissionais ou pessoais, desde que os mesmos respeitem os limites da moralidade e da ética.

¹⁶⁵ Ao mesmo tempo, numerosos valores pelos quais os cristãos se empenham não são exclusivamente seus. São valores que muitos afirmam, os quais convergem para as posturas cristãs. Valores como justiça, amor, misericórdia, generosidade, liberdade, bem-estar e honestidade são compartilhados por muitos, sejam cristãos ou não. A pessoa cristã solidariza-se com outras numa convergência de valores comuns. (MAY, 2008, p. 85.)

Considerando a continuidade das futuras gerações, no intuito de construir uma responsabilidade séria para transmitir princípios e valores capazes de se sustentar dentro dos sistemas sociais futuros, considerando sua constante reconstrução e flexibilidade, precisamos conservar princípios éticos e morais, capazes de nortear as realidades e práticas sociais, que priorize a dignidade do ser humano.

CONCLUSÃO

As características que modelam a realidade social na pós-modernidade são intrigantes e preocupantes, pois não existe um formato, modelo ou princípio a ser apontado como referência de vida, as pessoas convivem diariamente com realidades cada vez mais mutáveis e flexíveis. O conceito de vida social para o contexto pós-moderno, não está firmado em raízes ou culturas adjacentes, mas em modelos e avanços cada vez mais rápidos.

As pessoas seguem um estilo de vida inteiramente complexa e vulnerável. Infelizmente, a economia e o capitalismo são principais balizadores, nas relações sociais da pós-modernidade. Os vínculos afetivos e religiosos existem somente como princípios voltados a esfera do pessoal e espiritual, não sendo mais uma questão balizadora e comunitária, para a cultura pós-moderna. O individualismo se mostra predominante nas relações sociais contemporâneas, as pessoas procuram vínculos que lhes ofereçam benefícios, construindo uma cultura egoísta, movida por interesses pessoais. Princípios humanos como, generosidade e altruísmo são cada vez menos utilizados entre as pessoas, pois prevalecem os interesses econômicos e políticos.

Através do avanço tecnológico, foram criadas diversas ferramentas e instrumentos para auxiliarem o desenvolvimento humano, porém estão de forma lenta e perspicaz, trazendo em seu bojo de benefícios, uma gama de outras realidades prejudiciais que, a longo prazo serão irreparáveis, a saber, temos a internet e o capitalismo globalizado, que estão de forma assombrosa transformando constantemente a realidade do ser humano. Não encontramos na realidade contemporânea, tecnológica e capitalista, um princípio que realmente coloque o ser humano como bem maior, pois o que se percebe, é um ser humano objeto ou mercadoria a ser utilizada, transformando pessoas em simples produto.

A ética enfrenta uma enorme tarefa, frente aos avanços científicos, tecnológicos e sociais, pois os propósitos de construir instrumentos que viabilizam o desenvolvimento de novas realidades na cultura humana, também veem carregados de diversas implicações sociais, éticas e morais. Com as constantes mudanças sociais, política, econômica e tecnológica que, se fazem de forma tão rápida, o ser humano se deixa levar por seus desejos e anseios, constituindo necessidades e objetivos muitas vezes desnecessários e transitórios, afetando a estabilidade cultural e social.

O consumo é usado como ferramenta de igualdade, porém isso não é real, o consumismo é instigado pela mídia, fazendo com que as pessoas enxerguem uma forma errônea de poder. A sensualidade e o erotismo estão cada vez mais fortes na cultura pós-moderna, possibilitando as pessoas priorizarem seus desejos e anseios eróticos e sexuais, construindo um conceito de autonomia individual sobre o corpo, estimulando as práticas eróticas na sociedade de forma aberta e explícita. O conceito de pudor e moralidade estão modificados, pois as pessoas reivindicam o direito de liberdade de forma individual, sem responsabilidades para com os outros.

O desejo de viver a vida de forma quase instantânea e frenética, sem impedimentos, torna alguns conceitos tradicionais nulos, pois as pessoas não têm mais interesse em viver uma cultura enraizada, ao contrário, a cultura predominante é a de vida flexível, livre e instantânea, impossibilitando dessa forma, a existência de vínculos duradouros. Os vínculos afetivos se modificaram, as famílias são cada vez mais diferentes. Os modelos de família, não seguem mais um padrão ou um modelo, pois tem surgido diferentes formas de se constituir famílias. Cada vez mais, são positivadas normas e leis, na tentativa de amenizar os conflitos e diferenças sociais, porém as questões sociais, de fato não são trabalhadas por políticas igualitárias que possam promover a inclusão das diferentes classes.

A pobreza e as desigualdades sociais instigam a violência que, estão cada vez mais impregnadas na sociedade, pois são oriundas das desigualdades econômicas e política da atual sociedade, devido à diversidade cultural, e o poder aquisitivo que existe na sociedade distribuído de forma desigual e desequilibrado. A necessidade de construir uma ética social, capaz de nortear as ações e o crescimento dos sistemas tecnológicos, econômicos, político e cultural, na contemporaneidade, se torna cada vez mais imprescindível para o bem estar da sociedade. Para tanto é preciso contar com novas propostas e instrumentos que possam possibilitar e priorizar a construção de uma nova realidade que viabilize a transformação e reestruturação do formato de pensamento dos indivíduos pós-modernos. O princípio para uma ética e uma moral social, voltada para a humanização de todo o sistema pós-moderno, precisa partir de uma consciência pessoal e individual de cada pessoa. Os reajustes precisam partir das práticas culturais das pessoas, que são fundamentais para suas ações morais e éticas na sociedade.

Podemos perceber que, existem diversas realidades que emergem da diversidade cultural e social que, contribuem para a existência das desigualdades. Pensar em instrumentos e propostas que venham se mostrar igualitário e capaz de reconfigurar o formato de pensamento da sociedade, ajudando-a, a construir uma consciência, voltada para o zelo e o

cuidado com o bem estar da coletividade, é uma tarefa primordial para a transformação social contemporânea. Fica evidente que, não podemos esperar que somente o sistema político-social instituído pelo Estado, seja o responsável pelo combate as desigualdades e as desumanidades existentes em nossa realidade social contemporânea. Cada pessoa é incondicionalmente responsável por cuidar do bem estar da comunidade onde se encontra inserido.

A consciência e o formato de compreender as necessidades coletivas precisam estar em comunhão com as necessidades individuais de cada pessoa, por isso encontrar uma proposta de convívio social que, possibilite as pessoas conviver com suas diferenças, se torna fundamental para a construção de uma ética voltada à valorização do ser humano como principal objetivo para as relações sociais. Dentre diversas propostas, podemos destacar a cristã, que prioriza o convívio social comunitário, com vários princípios que podem corroborar para com a existência de ações benéficas voltadas para a sociedade em geral.

Percebemos que o ser humano, não está em conectividade com as realidades que o cerca. Focado em um formato de vida flexível e individualista, as pessoas se tornam desinteressadas em conhecer os problemas que afligem os outros. A busca por uma ética voltada para a compreensão dos males que atingem os outros, não pode ser realizada por um sistema social, impregnado pela lógica e a racionalidade tecnológica e científica, é preciso partir de um pressuposto mais humano. O ser humano precisa aprender o caminho do desprendimento material e econômico, em que está mergulhado.

Um dos males que afetam a realidade contemporânea se mostra no desejo constante que as pessoas têm de constituir poder e riqueza. O conceito de sociedade capitalista transforma as pessoas, em mera mercadoria a disposição dos objetivos e necessidades materiais do indivíduo pós-moderno. Partindo do princípio de que todas as pessoas são oriundas da mesma fonte de vida e criação, o cristianismo apresenta uma proposta de existência de um Deus criador e mantenedor que, criou a vida e tudo que existe, sendo o ser humano proprietário de nada, apenas um ser criado para desfrutar de toda a criação. Os cristãos desenvolveram um sistema de convivência comunitária, onde todos, os ricos, pobres, livres e até mesmo escravos se tornam iguais, pois foram movidos por uma concepção de fé que, afirma ser Deus o criador e mantenedor de toda a vida, tornando o ser humano um necessitado do favor divino para sobreviver. A consciência de que, todos são dependentes de um Ser supremo, institui um nivelamento social de igualdade.

No princípio da igualdade cristã, encontramos alguns aspectos interessantes, pois o caráter, a honestidade, a generosidade e o cuidado com os outros é fundamental. Nos

ensinamentos cristãos, os bens materiais são bênçãos de Deus, mas só tem sentido real se forem usados em favor dos mais pobres.

Encontramos na proposta cristã, um princípio ético e moral que, incentiva a construção de uma consciência voltada a zelo e cuidado pela dignidade humana acima dos interesses individuais e materiais. As pessoas são instigadas a reconhecer a humanidade como prioridade. Precisamos de uma proposta em que todos possam conviver com os avanços do mundo pós-moderno, sem perder de vista o cuidado com a dignidade do ser humano, possibilitando a reconfiguração das realidades éticas e morais que as cercam.

O sentido de vida, encontrado pela pessoa que pratica o princípio cristão de convivência social se torna uma contra proposta ao sentido imposto pela sociedade pós-moderna. Enquanto os princípios da ética pós-moderna instigam o indivíduo a ser individualista, o princípio cristão o incentiva a compartilhar.

O princípio tecnológico da sociedade pós-moderna, através das ferramentas da internet, leva as pessoas a serem surreais, o princípio cristão de comunidade e partilha, incentiva as pessoas a conviverem no mesmo espaço desfrutando e compartilhando das coisas reais. No mundo pós-moderno e tecnológico, a ética permite que, as pessoas busquem laços afetivos por interesses materiais e econômicos, porém na proposta cristã, as pessoas buscam se relacionar afetivamente por um propósito maior de interesse coletivo, a saber a esperança na vinda de um mundo melhor e a salvação. Não queremos afirmar que, a proposta cristã seja a única a ter algo para oferecer, para construção de uma ética voltada para a valorização das pessoas, mas que podemos nos apropriar de vários princípios cristãos, para praticá-los na sociedade, incentivando as pessoas a terem uma vida social mais humana e igualitária. Assim como os cristãos acreditam na vinda de um mundo melhor, as pessoas também precisam de motivação para acreditarem na construção de mundo melhor, despido do egoísmo e do individualismo.

Construir uma cultura, voltada à valorização do mundo real, não descartando a internet, mas priorizando os laços reais, compartilhando os espaços de convívio e contato real entre as pessoas. Com os ensinamentos cristãos, aprendemos que, não precisamos cultuar o corpo e também não precisamos usá-lo de forma banal como se fosse somente um instrumento de prazer, ao contrário, aprendemos que o nosso corpo é santo e perfeito, podendo ser usado com ética, moralidade e respeito.

Nosso questionamento de que, poderia o cristianismo e sua ética, contribuir para a construção de uma realidade melhor no mundo pós-moderno, obtém aqui uma resposta razoável, interessante e satisfatória, pois encontramos na proposta cristã, uma ética que, tem

muito a contribuir para com a reconfiguração de diversas realidades do mundo pós-moderno, possibilitando a promoção da igualdade e a diminuição de vários males que afligem a sociedade contemporânea.

REFERÊNCIAS

- APEL, Karl-Otto. *Estudos de moral moderna*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- ARISTOTELES. *A ética: textos selecionados*. 2. ed. Bauru: Edipro, 2003.
- BERTALANFFY, L. *Teoria geral dos sistemas*. Petrópolis: Vozes, 1977.
- BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- _____. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- _____. *Tempos líquidos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- BOYER, Orlando. *Pequena enciclopédia bíblica*. São Paulo. Editora Vida. 2006.
- CABRERA, Julio. *A ética e suas negações: não nascer suicídio e pequenos assassinatos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco. 2011.
- CORTINA, Adela. *Ética sem moral*. São Paulo, Martins Fontes. 2010.
- COSTA, Maria Vorraber. *A educação na cultura da mídia e do consumo*. Rio de Janeiro: Lamparina. 2009.
- DU PREEZ, Ron. Interpretando e aplicando a ética bíblica, In: REID, George W. (Eds.). *Compreendendo as escrituras: uma abordagem adventista*. Engenheiro Coelho: Unaspres, 2007.
- ENGELMANN, Wilson. *O princípio da igualdade*. São Leopoldo: Sinodal, 2008.
- ESPERANDIO, Mary Rute Gomes. *Para entender pós-modernidade*. São Leopoldo. Sinodal. 2007.
- GIKOVATE, Flávio. *Sexualidade sem fronteiras*. São Paulo. MG editores. 2013.
- HABERMARMAS, Jürgen. *A ética da discursão e a questão da verdade*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A. 2006.
- HARVEY, David. *Condição pós-moderna*. 15. ed. São Paulo: Loyola, 2006.
- JOSAPHAT, Carlos. *Ética mundial: esperança da humanidade globalizada*. Petrópolis: Vozes, 2010.

LIMA, João Francisco Lopes de Lima. *A reconstrução da tarefa educativa: uma alternativa para a crise e a desesperança*. Porto Alegre: Editora Mediação, 2003.

LUTERO, Martin. *Ética Cristã*. São Leopoldo: Sinodal, 1999.

MARX, K. e ENGELS, F. O Manifesto comunista. In: *O manifesto Comunista: 150 anos depois*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

MATOS, Francisco Alex da Silva. *A violência contra professores: saberes e práticas*. Campina Grande: Realize Editora. 2012. p.7. disponível em: <http://editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/766ebcd59621e305170616ba3d3dac32.pdf>

MAY, H. Roy. *Discernimento moral: uma introdução à ética cristã*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2008.

MOREIRA, Alberto da Silva. O deslocamento do religioso na sociedade contemporânea. *Estudos de Religião*, Ano XXII, n. 34, 70-83, jan/jun. 2008. <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/ER/article/download/220/228>. Acesso em 20 nov. 2013.

OLIVEIRA, NHD. *Recomeçar: família, filhos e desafios* [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, SciELO Books . 2009. p. 236. Disponível em: http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0CCoQFjAA&url=http%3A%2F%2Flivros.universia.com.br%2F%3Fdl_name%3DLivros_Academicos%2FRecomecar.pdf&ei=h26HU465HdCgqAbygIG4CQ&usg=AFQjCNE95bridbzZldkEQoyxutx8ulA0gg&bvm=bv.67720277,d.b2k. Acesso em: 14 nov. 2012.

PIOVESAN, Flavia. *Temas de direitos humanos*. São Paulo. Saraiva. 2013. P. 295.

PRINHEIRO, Emilene Piva. Crimes virtuais: uma análise da criminalidade informática e da resposta estatal. PUCRS. 2006. Disponível em: http://www3.pucrs.br/pucrs/files/uni/poa/direito/graduacao/tcc/tcc2/trabalhos2006_1/emeline.pdf

SAMPAIO, Marisa Narcizo;LEITE, Lígia Silva. *Alfabetização tecnológica do professor*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

STEGEMANN, W. Ekkehard. *História social do protocristianismo*. São Paulo: Paulus, 2004.

SUNG, Jung Mo. *Conversando sobre ética e sociedade*. Petrópolis: Vozes. 2009.

SUNG, Jung Mo. *Sujeito e sociedades complexas: para repensar os horizontes utópicos*. Petrópolis: Vozes. 2002.

VIEIRA, Evaldo. Os direitos e a política social. 3.ed. – São Paulo: Cortez. 2009.

WHITE. G. Ellen. *Beneficência Social*. São Paulo: CPB, 2007.

WHITE. G. Ellen. *Serviço Cristão*. São Paulo: CPB, 2007.